



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES  
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS  
DE LICENCIATURA EM LETRAS  
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

FRANCINILDA DE BRITO SANTOS

**A literatura infantil diante da morte:** imagens contemporâneas

João Pessoa  
SETEMBRO-2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES  
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS  
DE LICENCIATURA EM LETRAS  
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

FRANCINILDA DE BRITO SANTOS

**A literatura infantil diante da morte: imagens contemporâneas**

Trabalho apresentado ao curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Daniela Maria Segabinazi**

João Pessoa  
SETEMBRO-2019

FRANCINILDA DE BRITO SANTOS

**A literatura infantil diante da morte: imagens contemporâneas**

Trabalho apresentado ao curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

Data da Aprovação:

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra Daniela Maria Segabinazi  
Orientadora

---

Profa. Ms Jaine de Sousa Barbosa  
Examinadora

---

Prof. Dr. João Paulo da Silva Fernandes  
Examinador

João Pessoa

SETEMBRO-2019

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

S2371 Santos, Francinilda de Brito.  
A literatura infantil diante da morte: imagens contemporâneas / Francinilda de Brito Santos. - João Pessoa, 2019.  
56 f. : il.

Orientação: Daniela Maria Segabinazi.  
Monografia (Graduação) - UFPB/cchla.

1. Literatura infantil; Contemporaneidade; Morte. I. Segabinazi, Daniela Maria. II. Título.

UFPB/CCHLA

*Dedico este trabalho para meu anjo da guarda, minha mãe Carminha (in memoriam).  
Saudades eternas.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus primeiramente por me devolver a vida, e a saúde restaurada e que me permitiu alcançar essa etapa da minha vida. A quem sempre nos momentos mais difíceis esteve em meus pensamentos.

À minha mãe, mulher guerreira e de fibra que me ensinou a sorrir nos momentos de dor. Sei que, apesar de não estar presente fisicamente, ilumina os meus passos e orienta as minhas decisões e, espero, um dia, poder ouvir novamente o seu Eu Te Amo.

A meu irmão Ednaldo, tão querido que abdicou de sua vida e atravessou o mar de morte comigo. Você é a melhor parte de mim.

Ao meu pai pela força, apoio, paciência e amor incondicional. Sem você não estaria aqui.

À professora Daniela Segabinazi, minha orientadora, por ter estado presente em todos os momentos durante esses anos, despertou a minha admiração de um modo único, tornando-se uma inspiração. Muito obrigado pela sua dedicação, paciência e carinho! Com certeza você estava em meu destino.

Aos meus colegas de graduação Thaís, Ivig, Anderson e Emanuel, agradeço a todos pela amizade, paciência, ternura e convivência ao longo desses anos. Obrigada, por estarem presentes na minha vida, pois, estarei presente sempre nas suas.

As colegas de G.E.E.F, as amigas e companheiras de coração Jhennefer, Irany, Ana Paula e Raquel. Não sabem o quanto lutei para estar aqui hoje, mas saibam que tudo foi por vocês também. Muito Obrigada pela amizade desinteressada!

Agradeço a minha coorientadora, Cristina Rothier, que com paciência atendia meus e-mails e me ajudou nesta etapa final.

Ao grupo de pesquisa G.E.E.F por me acolherem novamente, como se eu nunca tivesse saído. Em especial as professoras Josete, Isabel e Claurênia.

Ao médico e médicas: Dr. Fernando Mello, Dra. Roberta Barreto, Dra. Jéssica Cenedese, Dra. Jaqueline Cenedese, Dra. Cecília Estrela, Dra. Eduarda Cirne e Dra. Sheyla Rocha. Marcaram minha vida num momento muito crítico, e agora agradeço de uma maneira especial, pois serão lembrados pelo resto da minha vida. Muito Obrigado!

À UFPB e os professores com quem convivi ao longo desses anos. A quem devo minha formação acadêmica.

Aos professores que aceitaram participar desta banca: Jaine e João Paulo.

E a todos inúmeros amigos que, de uma forma ou de outra, fizeram desse percurso um momento feliz em minha vida.

## RESUMO

A morte nunca foi um assunto fácil, sendo comumente, vista como um mistério incompreensível. Sua abordagem constitui, assim, um dos temas mais delicados de se tratar, especialmente quando envolve crianças. Nossa pesquisa, de cunho bibliográfico, tem como objetivo principal discutir a temática da morte na literatura infantil no contexto contemporâneo, valendo-nos de obras literárias selecionadas no PNLD 2018 Literário – anos iniciais: *O menino que amava passupreto* (2017), *A moça artista do topo do morro* (2017), *Votupira, o vento doido da esquina* (2018) e *O herói imóvel* (2018). Com objetivos específicos: trazemos a história da morte e sua presença na literatura; abordamos sua introdução na literatura infantil nos dias atuais e analisamos a morte no *corpus* da pesquisa, abordando elementos verbais e visuais nos textos, evidenciando a forma como ela é abordada e apresentada. Para tanto utilizamos, como aporte teórico, os trabalhos de alguns autores que se debruçam sobre essa questão, tais como, Ariès (1986; 2012; 2014), Paiva (2011), Kovács (2002), entre outros. Como resultados, percebemos o quanto é relevante levantar o questionamento da morte em textos destinados ao leitor infantil. Ainda que se trate de representação simbólica, a literatura colabora para compreensão de uma das experiências mais complexas que a pessoa passa na vida. Nesse sentido, notamos que a literatura entra como instrumento de discursão através da imaginação e da fantasia em situações conflituosas, trazendo uma linguagem adequada respeitando a capacidade cognitiva da criança.

Palavras-chave: Literatura infantil; Contemporaneidade; Morte.

## ABSTRACT

Death has never been an easy subject, being commonly seen as an incomprehensible mystery. Therefore, its approach constitutes one of the most delicate theme to talk about, specially when children are involved. The bibliographic research aims to discuss the death in children's literature in a contemporary context, using literary works selected on PNLD 2018 Literário - early years: *O menino que amava passupreto* (2017), *A moça artista do topo do morro* (2017), *Votupira, o vento doido da esquina* (2018) and *O herói imóvel* (2018). The specific goals are: to bring the death story and its presence in literature; to approach its introduction in children's literature nowadays and to analyze death in the corpus research, approaching verbal and visual elements in the text, highlighting the way it is approached and presented. As theoretical contribution it will be used papers from authors who had already worked with the topic such as: Ariès (1986; 2012; 2014), Paiva (2011), Kovács (2002), among others. As results it was possible to notice how relevant it is to question the idea of dying in texts made for children. Although it is labeled as a symbolical representation, the literature helps to comprehend one of the most complex experiences a person face during a lifetime. Hence, it was possible to notice that literature works as discourse tool through imagination and fantasy under conflicting situations, using an adequate language which respects the child's cognitive capacity.

Keywords: Children's literature, Contemporaneity; Death



## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura – 1</b>	Capa da edição de 2017 do livro <i>A moça artista do topo do morro</i> .....	41
<b>Figura – 2</b>	Capa da edição de 2011 do livro <i>O Herói Imóvel</i> .....	44
<b>Figura – 3</b>	Capa da edição de 2011 do livro <i>Votupira, o vento doido da esquina</i> .....	47
<b>Figura – 4</b>	Capa da edição de 2017 do livro <i>O menino que amava o passupreto</i> .....	49

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Livro <i>É assim</i> .....	30
<b>Quadro 2</b> – Livro <i>Começo, meio e fim</i> .....	30
<b>Quadro 3</b> - Livro <i>Vô, eu sei domar abelhas</i> .....	30
<b>Quadro 4</b> – Livro <i>No oco da avelã</i> .....	31
<b>Quadro 5</b> – Livro <i>O coração e a garrafa</i> .....	31
<b>Quadro 6</b> – Livro <i>Roupa de brincar</i> .....	31
<b>Quadro 7</b> – Livro <i>Cadê meu avô</i> .....	32
<b>Quadro 8</b> – Livro <i>O anjo da guarda do vovô</i> .....	32
<b>Quadro 9</b> – Livro <i>O urso e o gato-montês</i> .....	32
<b>Quadro 10</b> – Livro <i>A preciosa pergunta da pata</i> .....	33
<b>Quadro 11</b> – Livro <i>Só um minutinho</i> .....	33
<b>Quadro 12</b> – Livro <i>Eu me lembro</i> .....	33
<b>Quadro 13</b> – Livro <i>Eu vi mamãe nascer</i> .....	34
<b>Quadro 14</b> – Livros pesquisados com a temática da morte recolhidos no PNLD literário 2018.....	40

## **LISTA DE SIGLAS**

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
MEC	Ministério da Educação
PNBE	Programa Nacional Biblioteca na Escola
PNLD	Programa Nacional do Livro Didático
PPGL	Programa de Pós-Graduação em Letras

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>1 A INFÂNCIA, A LITERATURA INFANTIL E A MORTE NO OCIDENTE: articulações entre os contextos histórico, cultural e social</b> .....	13
1.1 Sofrimento e a morte na infância: imagens contemporâneas.....	18
1.2 O Sofrer e o morrer na literatura infantil .....	22
<b>2 LITERATURA INFANTIL CONTEMPORÂNEA: a apresentação da morte e outros temas sensíveis para as crianças</b> .....	26
2.1 O mercado editorial, os títulos e autores que tematizam a morte .....	29
2.2 A morte na literatura infantil em trabalhos acadêmicos e similares.....	34
2.3 PNLD Literário (2018).....	37
<b>3 O SENSÍVEL E O VISÍVEL DA MORTE NAS OBRAS SELECIONADAS PELO PNLD LITERÁRIO (2018)</b> .....	40
3.1 A morte: representações para a leitura infantil.....	41
3.1.1 <i>A moça artista do topo do morro</i> .....	41
3.1.2 <i>O Herói imóvel</i> .....	44
3.1.3 <i>Votupira, o vento doido da esquina</i> .....	47
3.1.4 <i>O menino que amava passupreto</i> .....	49
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	51
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	53

## INTRODUÇÃO

Embora natural ao ciclo da vida, a morte é uma incógnita e, apesar do seu caráter biológico, ainda não possuímos a capacidade de explicar o que esse estado tão complexo causa à consciência humana. Desse modo, falar sobre a morte implica abordar a angústia representada, muitas vezes, por meio de inquietações e de perguntas, duas características intrínsecas aos seres humanos em sua fase inicial, porém os dois temas, a morte e a infância, parecem ser indissociáveis.

A arte, entretanto, permite abordar as temáticas supracitados. Assim, a literatura, particularmente a infantil, mediante sua sutileza, aborda os dois temas, trazendo em sua leitura a forma ficcional, trabalhando as situações de perda de forma simbólica, suavizando a abordagem sem utilizar metáforas confusas e atentando a fácil compreensão dos pequenos leitores.

Dentro desse cenário, abordamos o conceito de morte e o conceito de infância durante a passagem dos séculos até a atualidade; e, utilizando-nos de uma abordagem bibliográfica, analisamos como está inserido o tema morte nos livros selecionados no PNLD2018 Literário – Anos iniciais. O objetivo desse estudo é colocar em evidência os modos de tratar essa temática no contexto contemporâneo na literatura infantil, sobretudo, a que é selecionada para o trabalho escolar. De maneira a contemplar essas questões, as discussões aqui elencadas foram estruturadas em três capítulos, buscando tecer de forma linear um panorama sobre a temática desta pesquisa.

No primeiro capítulo, apresentamos o panorama histórico da infância no ocidente, a mudança da sua concepção e sua representação na literatura infantil. Para tanto, debruçamo-nos sobre as concepções de Ariès (1986; 2012; 2014), Paiva (2011), Kovács (2002) e Zilberman (2003).

No segundo capítulo, apresentamos aspectos que atraíram nossa atenção como o tratamento que essa temática tem recebido através do mercado editorial, de autores tanto brasileiros como estrangeiros e com as pesquisas acadêmicas que se unem a outras tantas para integrar a novas possibilidades de se trabalhar com temáticas difíceis e que fazem parte do nosso cotidiano, via de regra, é negado na contemporaneidade.

O terceiro capítulo trata do estudo e análise das obras selecionadas via PNLD Literário 2018, evidenciando a temática da morte e sua assimilação no campo literário em situações de conflito. Nesse sentido, serão analisadas obras que no programa referenciado foram selecionadas para os anos iniciais.

## **1 A INFÂNCIA, A LITERATURA INFANTIL E A MORTE NO OCIDENTE: articulações entre os contextos histórico, cultural e social**

A infância, atualmente, pode ser percebida como um símbolo de simplicidade natural e cheia de espontaneidade, contudo nem sempre foi assim, pois a concepção de infância que se tinha na Idade Média é diferente de hoje. Contudo, podemos dizer que as histórias das infâncias e suas representações percorreram uma longa jornada até o início de sua concepção em meados do século XVII, na passagem do feudalismo para o capitalismo, juntamente com o processo de transição para a sociedade moderna, e continua a modificar-se no interior dessas histórias e contextos do mundo Ocidental.

Em princípio, a respeito das origens da definição para a infância, Postman (1999, p. 31) afirma que “[a] falta de alfabetização, de educação e vergonha são as razões pelas quais o conceito de infância não existiu no mundo medieval”. Logo, o sentimento de amor pelas crianças passou despercebido e ignorado. Por outro lado, Ariès (1986), reforça que o sentimento era superficial, chamando de “paparicação”, reservado apenas para seus primeiros anos de vida, enquanto ela ainda era uma coisinha engraçadinha. Segundo o autor, “[as] pessoas se divertiam com a criança pequena como um animalzinho, um macaquinho impudico.” (1986, p. 10). Além disso, destaca que elas não tinham valor algum e eram tratadas como coadjuvantes no meio familiar. Compreendidas como adultos as crianças eram incorporadas ao mundo daqueles ainda muito cedo. Elas não possuíam *status* diferenciado, eram negligenciadas e facilmente encontradas participando das responsabilidades familiares. Naturalmente, a criança era um adulto em tamanho reduzido como nos mostra Ariès (1986)

Afirmar que essa sociedade via mal a criança, e pior ainda o adolescente. A duração da infância era reduzida a seu período mais frágil, enquanto o filhote do homem ainda não conseguia bastar-se; a criança então, mal adquiria algum desembaraço físico, era logo misturada aos adultos, e partilhava de seus trabalhos e jogos. De criancinha pequena ela se transformava imediatamente em homem jovem, sem passar pelas etapas da juventude, que talvez fossem praticadas antes da Idade Média e que se tomaram aspectos essenciais das sociedades evoluídas de hoje (ARIÈS, 1986, p. 10).

Em decorrência de exigências do seu próprio tempo e de uma percepção da infância pela denotação de idade, a constituição do conceito de infância se deu do século XVII para o XVIII, se configurou por uma separação das crianças com relação à rotina dos adultos e o conceito de infância foi reformulado, modificando o *status* da criança na sociedade, passando a ter necessidades e características próprias. De acordo com Zilberman (2003, p.

15) a mudança ocorreu devido “[à] emergência de uma nova noção de família, centrada não mais em amplas relações de parentesco, mas num núcleo unicelular, estimulando assim, o afeto entre seus membros”. Logo, as famílias passaram a responsabilizar-se pela prole, nesse sentindo coube à mãe a responsabilidade na educação e conseqüentemente no amor materno concebido de forma natural. Surge, então, um novo sentimento de infância contrário à paparicação e voltado a ideais moralistas. É nesse momento que os olhos se voltam para as crianças e elas passam a ser vistas como seres que precisam de atenção diferenciada para que cheguem à vida adulta de maneira saudável.

Se a imagem da criança é contraditória, é precisamente porque o adulto e a sociedade nela projetam, ao mesmo tempo, suas aspirações e repulsas. A imagem da criança é, assim, o reflexo do que o adulto e a sociedade pensam de si mesmos. Mas este reflexo não é ilusão; tende, ao contrário, a tornar-se realidade. Com efeito, a representação da criança assim elaborada transforma-se, pouco a pouco, em realidade da criança. Esta dirige certas exigências ao adulto e à sociedade, em função de suas necessidades essenciais [...]. (CHARLOT, 1979, apud ZILBERMAN, 2003, p. 20).

Em virtude de tal mudança no contexto europeu, a escola e a literatura são escaladas para cumprir a função direcionada à moralidade. Nesse processo a escola teve duplo papel, o de tentar proteger as crianças das adversidades a que eram submetidas e, ao mesmo, tempo de introduzi-las no mundo adulto, ou seja, a escola era espaço importante em um novo modelo de educação, atendendo as expectativas da sociedade da época, negando o social e aderindo ao disciplinador, comportamental e normatizado. Vale lembrar que essa união não foi por acaso, os primeiros textos destinados a crianças eram escritos por pedagogos e professores. Por sua vez, Paiva (2011) afirma:

[...] a literatura infantil constitui-se como gênero durante o século XVII, a partir de mudanças na estrutura da sociedade, por causa da ascensão da família burguesa, da reorganização da escola, que integrou literatura infantil à Pedagogia, utilizando as histórias como instrumento pedagógico. (PAIVA, 2011, p.45).

Em sua origem, a Literatura infantil é originária de narrações populares, costumes, fábulas, mitos e lendas folclóricas ou mesmo pelo relato de aventuras que inicialmente eram feitas para adultos com o intuito de distraí-los em reuniões e em outros tipos de encontros. Posteriormente, foram reeditadas e se tornaram mais refinadas adaptando-se ao gosto da infância que emergia. Essas narrativas chamavam a atenção do público em geral, causando prazer e fantasia, além disso, passavam também mensagens edificantes a serem seguidas pela comunidade. Assim, os textos da literatura infantil, inicialmente orais,

passam a ser registrados e reconhecidos pelas publicações de Charles Perrault (1628-1703), os irmãos Grimm - Jacob (1785-1863) e Wilhelm (1786-1859) e Hans Christian Andersen (1805-1875).

Na França do século XVII, Perrault foi um dos precursores desses registros, trazendo novo fôlego para as histórias infantis quando as direcionou a um novo patamar com a pretensão de socialização e educação. As narrativas faziam parte de uma coletânea de histórias do convívio popular, tais como *Cinderela*, *Bela Adormecida*, *Chapeuzinho Vermelho*, *Barba Azul*, *Pele de Asno*, *A Bela e a Fera*, *O Gato de Botas* entre outras. Podemos afirmar que nos contos de C. Perrault a morte já se fazia presente.

Logo após, destacam-se os Irmãos Grimm, que ampliaram as coletâneas dos contos de fadas tratando de preservar os contos populares alemães, que por sua vez estavam ameaçados com a nova modernidade que surgia. A vulgaridade foi extinta dos contos, porém as cenas de violência não foram polidas, bem como a morte, assim as cenas permaneceram ficando cada vez mais presentes e explícitas. Tinham como compilados, *Rapunzel*, *Cinderela*, *Branca de Neve*, *João e Maria* entre outros.

Andersen ficou conhecido no período romântico, logo sofreu influências sentimentais. Seus personagens tinham um sentimentalismo exacerbado e se desiludiam facilmente com a vida. Fruto de uma sociedade comportamental que exigia a moralidade, Andersen foi ao encontro de manifestações por meio de seus personagens. Através de *Soldadinho de chumbo*, *A Pequena Sereia*, *O Patinho Feio*, *A Roupas Nova do Imperador*, *Sapatos Vermelhos* e *A Princesa e a Ervilha*, Andersen apresentava histórias tristes que nem sempre tinham finais felizes, inclusive, com a presença da morte de uma criança no conto *A Pequena Vendedora de Fósforos*.

Fica claro que com o passar dos tempos, com as transformações no ambiente familiar e com alterações de mentalidade, as histórias ganharam novas influências oriundas de novas sociedades e épocas que, de acordo com a cultura, com o espaço e com o meio alteram as concepções e os modos de pensar sobre temas polêmicos como a morte. Embora, considerem-se importantes as contribuições que essa arte traz na contemporaneidade mediante o registro do seu desenvolvimento durante os séculos, isso possibilitou novas abordagens no texto literário e a articulação com temas difíceis. Segundo Coelho (2000)

Literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da



palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização. (COELHO, 2000, p. 27).

Consideramos que a morte sempre será uma questão complicada. Para Poles e Bousso (2006) Lidar com a finitude é uma questão difícil, muito pior quando ocorre com um filho, isso porque a morte de um jovem é uma situação que não é naturalmente pensada pela família, pois o normal seria que os pais morressem antes na perspectiva do ciclo vital. Alguns a veem como símbolo de fracasso, levando-se em conta um indivíduo independente e com metas próprias. Sobre o assunto, Ariès (2012), explica que

O homem do fim da Idade Média [...] identificava sua impotência à sua destruição física, à sua morte. Via-se ao mesmo tempo fracassado e morto, fracassado porque mortal e portador de morte. As imagens da decomposição e da doença traduzem com convicção uma aproximação nova entre as ameaças da decomposição e a fragilidade de nossas ambições e de nossas ligações. (ARIÈS, 2012, p. 147 – 148).

Todavia na Idade Média ainda não se tinha medo da morte como viria a acontecer mais tarde nos séculos XVII e XVIII. A priori, era apenas o momento do ajuste de contas, quando se media uma vida, por isso a primeira menção simbólica de relação entre a ideia de morte e a consciência de si, foi o instrumento singular do juízo final, em que se avaliava a vida.

Ainda na época medieval, o homem morria nas guerras ou por doenças e conhecia a trajetória da sua morte. Tal percepção, leva o indivíduo a uma preocupação com o juízo final, por isso que na Idade Média sua morte se transformava em um evento social, seu maior temor era não ter homenagens durante o ritual de morte. Segundo Ariès (2012),

[...] a morte é uma cerimônia pública e organizada. Organizada pelo próprio moribundo, que a preside e conhece seu protocolo [...]. Era importante que os parentes, amigos e vizinhos estivessem presentes. Levavam-se as crianças [...]. a simplicidade com que os ritos da morte eram aceitos e cumpridos, de modo cerimonial, evidentemente, mas sem caráter dramático ou gestos de emoção excessivos”. (ARIÈS, 2012, p.39).

Podemos perceber a presença das crianças nos funerais, o que era normal, aliás, a concentração de crianças nesse tipo de cerimônia era bem quista, não se tinha pudor durante os rituais, a família não queria atrasar a socialização da criança. A partir de então, a concepção de morte tem percorrido um longo caminho, a começar do início de sua concepção na Idade Média; sem fazer distinção entre ricos, pobres, velhos, jovens ou crianças, ela constrói suas características.

Ainda segundo Phillpp Ariès (2014) a morte possui várias formas durante seu trajeto. Primeiramente fala-se em uma morte domada, aquela que ocorre de forma natural, familiar e sem questionamentos; em segundo plano a morte de si mesmo, em que se leva em consideração que o homem não a evitava e nem a exaltava, apenas se submetia, reconhecendo a si próprio em sua morte; a morte do outro, passa ser a morte em que o homem passa a exaltar, desejando que fosse arrebatadora, sendo assim se preocupava menos com sua própria morte, temendo a morte do outro; diante da morte interdita, o homem a vê como uma vergonha, banindo-a para proteger a vida, daí vem o sentimento do homem na atualidade, que resulta na dificuldade de lidar com questões que envolvam valores e visão de mundo. É importante ressaltar que a morte era vista de maneira simples, em que as formalidades eram cumpridas, sem carga emocional excessiva e tida como um evento essencialmente coletivo. Na sociedade ocidental o homem passou a temer não a morte de si mesmo, mas a morte do outro. Como cita Freud

Nosso inconsciente, portanto, não crê em sua própria morte; comporta-se como se fosse imortal. O que chamamos de nosso inconsciente - as camadas mais profundas de nossas mentes, compostas de impulsos pulsionais - desconhece tudo o que é negativo e toda e qualquer negação; nele as contradições coincidem. Por esse motivo, não conhece sua própria morte, pois a isso só podemos dar um conteúdo negativo. Assim, não existe nada de pulsional em nós que reaja a uma crença na morte (1996, p. 306).

Retomando a morte interdita, segundo Ariès (2014), ela teve destaque no início do século XIX, e até os dias atuais é considerada como uma inimiga, com que a sociedade tem dificuldades de lidar, recusando-a. Todavia esse processo de morte não é compartilhado com as crianças, sendo visualizado no universo infantil como algo comovente demais, por isso elas são amparadas e subestimadas com a desculpa de proteção, para que não haja sofrimento. Essas mudanças derivam de um novo sentimento para com o outro diante da finitude, um exemplo é a exclusão dos pequenos nos funerais.

Contudo, a morte faz parte da condição humana, bem sabemos, ela não escolhe *status* social, e muito menos idade. O sujeito busca respostas no existencialismo, uma das correntes filosóficas em que o indivíduo apenas se satisfaz, quando consegue interrogar seu sentido de vivência, a partir de reflexões sobre a própria sobriedade, vida e morte, ou seja, referência concreta e fundamental para a construção do sentido da vida. Mas, se a morte faz parte da vida e se ela faz parte da condição humana, por que tanto medo?

Por fim, Ariès (2012) fala da morte como um fenômeno ligado à modernidade, em que as famílias reconfiguraram seu entusiasmo com relação ao envolvimento e atitude. Diante desse fato, podemos afirmar que a morte existe tanto para crianças quanto para adultos, diferente é o modo de encará-la.

### 1.1 Sofrimento e a morte na infância: imagens contemporâneas

Infância e morte são duas palavras que parecem não combinar, e, entre as várias inquietações do ser humano, a finitude é uma das incógnitas mais misteriosas e fascinantes, além de ser o último acontecimento mais importante da vida. Desde os primórdios a única certeza que temos é da morte, de que ela chega para todos e de que nada é tão pessoal quanto ao sentimento de perda e de impotência que ela deixa quando a conhecemos. Uma coisa é olhar a morte como algo traçado em nosso destino, outra é pensar a realidade de cada morte, como aspecto individual. Assim, falar sobre ela deixa todos apreensivos e temerosos, transformando e modificando as emoções.

Para determinadas sociedades lidar com a morte se torna uma fase incompreensível e para outras, o tema é tratado apenas como um rito de passagem. Mesmo no mundo ocidental, sobrevivem tradições que, ao festejar a morte, celebram a vida. Algumas culturas vivenciam seu luto do silêncio à festividade como os Mexicanos que comemoram o *Día de los Muertos*, com muita celebração e comida, pois acreditam que os que partiram têm permissão para visitar os vivos. Já os Judeus denominam seu ritual de *Keirá*, uma espécie de rasgo na roupa durante o funeral. No Brasil, há uma miscigenação cultural particular, os ritos possuem mais de uma manifestação de despedida, todavia vai depender da região do país e da religião do morto. Muitos podem estranhar os hábitos das diversas culturas e seus rituais de morte, mas nem todos enxergam o fim da vida como algo ruim, cada um tem seu costume e seu comportamento durante período fúnebre. Sobre isso Rodrigues (1983) comenta

As crenças, as práticas, os ritos funerários operam dentro de um campo semântico. Mas este campo está longe de ser o mesmo segundo as culturas, os grupos sociais e os diferentes momentos históricos de uma sociedade. As diferentes mortes-acontecimentos significam coisas diversas, segundo o lugar desses campos que ocupem, segundo a classe particular de morte a que pertençam. (RODRIGUES, 1983, p.26).

Ao mesmo tempo, torna-se atraente, na medida em que a curiosidade gera o desconforto. Nessa busca, o homem utiliza das grandes ciências, a fim de encontrar

respostas para seus questionamentos. As ciências têm suas teorias com relação à morte: na medicina, ela é caracterizada como interrupção completa e definitiva das funções vitais do organismo vivo; do ponto de vista biológico, ocorre o fim da existência e não da matéria, considerando que as células podem se reproduzir infinitamente; no campo religioso, a morte é vista como um rito de passagem, em algumas religiões é decidido se a pessoa irá para o inferno ou para o céu. Para Bellato e Carvalho (2005), “[...] nós, enquanto seres humanos, marcados pela temporalidade da vida, lutamos contra a ideia de nossa finitude, sendo que temos buscado o alívio possível para o paradoxo existencial que se apresenta frente ao dualismo vida e morte”. Essa conjuntura tem sido notável na cultura ocidental e aumenta, de certa forma, essa angústia, tornando mais difícil lidar com a circunstância.

As respostas vêm através do que ela traz consigo, como a angústia, a solidão, o sentimento de impotência, a dor individual além de mistério. Pelo fato de ser um universo novo e desconhecido e de não ser conhecido o seu fim, o tema não deixa de ser um assunto intrigante, profundo e obscuro, que cria certa curiosidade apesar de todo desconforto e desalento. É preciso lembrar também que é uma dor individual e particular. A morte faz parte das nossas vidas, mas, ao mesmo tempo quando ela chega de maneira inesperada, sem pedir, sem dar sinais, entramos em estado de silêncio. Esse mesmo silêncio é utilizado para poupar as crianças.

Segundo Savater (2001), a morte continua sendo o que há de mais desconhecido. Embora se saiba quando alguém está morto, ignora-se o que seja morrer. Maranhão (1992) justifica.

[...] Atualmente, existe a preocupação de iniciar as crianças desde muito cedo nos “mistérios da vida”[...]. Porém, se oculta sistematicamente das crianças a morte e os mortos, guardando silêncio diante de suas interrogações, da mesma maneira que se fazia antes quando perguntavam como é que os bebês vinham ao mundo. Antigamente, se dizia às crianças que elas tinham sido trazidas pela cegonha, ou mesmo que elas haviam nascido num pé de couve, mas elas assistiam, ao pé da cama dos moribundos, às solenes cenas de despedida[...] (MARANHÃO, 1992, p.10).

Então, usamos metáforas para não se falar abertamente sobre a morte, como “está dormindo”, “foi viajar”, “volta logo”, entre outras formas, frente à ocorrência da morte de um familiar, de alguém próximo e até mesmo de um animal de estimação. Kovács (2002) argumenta que.

[...] a criança apresenta uma aguda capacidade de observação e quando o adulto tenta evitar falar sobre o tema da morte com ela, a sua reação pode ser a manifestação de sintomas. Ao não falar, o adulto crê estar

protegendo a criança, como se essa proteção aliviasse a dor e mudasse magicamente a realidade. O que ocorre é que a criança se sente confusa e desamparada sem ter com quem conversar. (KOVÁCS, 2002, p. 49).

Nossa cultura opta pelo silêncio e esquia-se do que não domina ou daquilo que não está acostumada, repercutindo como exclusão. A criança espera por respostas, é necessário explicar o que é a morte, que ela é irreversível e quem morreu não volta mais. O trabalho psicanalítico demonstra que não adianta esconder os fatos, as crianças podem não articular verbalmente, mas certamente vão manifestar de forma mais lúdica, seja através de um desenho, seja de um jogo. Para Kovács (2002)

O ocultamento da verdade perturba o processo de luto da criança e a sua relação com o adulto. A criança também gostaria de negar a morte, mas quando os fatos contradizem o que lhe informam, fica completamente perturbada e frustrada. A primeira reação diante da perda de uma pessoa amada é a negação, e se o adulto reforça essa atitude, fica difícil passar para as outras fases do luto. (KOVÁCS, 2002, p. 50).

Não existe uma cartilha ou um manual para se trabalhar a morte com as crianças, apenas existe o discernimento do adulto que, por diversas vezes utiliza o silêncio como resposta. Segundo Torres “[...] a evolução do processo de luto da criança, [...] é enormemente influenciada pelo que é lhe dito, como é dito e, no caso da morte de um dos pais, como o genitor sobrevivente reage e como espera que a criança reaja” (2002, p. 122).

De certa forma, a omissão é frequentemente usada para silenciá-la, ainda mais quando uma criança perde entes queridos, o processo de luto é vivido tanto pelo adulto quanto pela criança, que no entendimento da perda passa-se a viver o luto, experiência natural em consequência da perda. Mesmo tentando ocultá-la, a criança sempre vai estar em contato com a morte. Kovács (2002) argumenta que

[...] toda criança já “perdeu” um passarinho, um gato, ...ou qualquer bicho de estimação. Percebeu então que ficaram diferentes de quando estavam vivos. Além disso, podem morrer bisavós, avós, pais, irmãos e, nos noticiários e novelas da TV, inúmeras pessoas morrem. Diferentes das personagens de desenhos animados, que sempre renascem, aqueles jamais retornam. É uma tarefa muito difícil para a criança definir vida e morte, pois na sua percepção a morte é não-movimento, cessação de algumas funções vitais como alimentação, respiração; mas na sua concepção a morte é reversível, pode ser desfeita. (KOVÁCS, 2002, p. 3-4).

Para a criança, a morte é reversível, e compreende poder desfazê-la, porém, quando atinge a maturidade, entende que a morte é irreversível, somente assim passa a temê-la principalmente quando se trata de pessoas próximas. Torres, (1999) apresenta três categorias para a percepção de morte na criança, como a primeira é a *Irreversibilidade*, que

compreende crianças até 5 anos, elas não vêem a morte como irreversível, mas como algo temporário. A segunda fase compreende a *Não-funcionalidade* e ocorre quando as crianças têm de 5 e 9 anos. Nessa fase, elas já compreendem a morte como irreversível, mas não como inevitável; e a terceira fase compreende a *Universalidade*, aqui as crianças têm 9 e 10 anos já percebem a morte como uma forma universal e irreversível, ou seja, que tudo o que é vivo morre.

Na contemporaneidade, a autora Regina Santana (2017) aborda a importância de temas sensíveis para crianças. No texto ela cataloga obras que falam de morte de forma implícita tais como *O menino no beco da pipa* (2009); *Lia foi à lua* (2009); *Vovô foi viajar* (1999); *Cadê meu avô?* (2004); *Virando estrela* (2010); e *Longe* (2014). E distorcendo a realidade fantasiosa, ela elenca outras obras que mostram que é possível trabalhar a morte de forma mais direta e ao mesmo tempo sensível: *Por que o Elvis não latiu?* (2010); *Um dente de leite, um saco de ossinhos* (2004); *Eu vi mamãe nascer* (2009) e *Olhando para dentro* (2009).

No tocante à relação da finitude com a nova era medicalizante, o que tem ocorrido é uma proteção desnecessária, quando se trata de assuntos que polemizam ou geram desconforto. Um dos temas que concentra mais expectativa é a morte, porque a única coisa que sabemos é que um dia ela se apresenta. Sobre isso Elias (2001) explica:

Uma vaga sensação de que as crianças podem ser prejudicadas leva a se ocultar delas os simples fatos da vida que terão que vir a conhecer e compreender. Mas o perigo para as crianças não está em que saibam da finitude de cada vida humana, inclusive a de seu pai, de sua mãe e de sua própria; de qualquer maneira as fantasias infantis giram em torno desse problema, e o medo e a angústia que o cercam são muitas vezes reforçados pelo poder intenso de sua imaginação. (ELIAS, 2001, p. 26).

O trabalho para aprofundar o diálogo diante da aquisição do conceito de morte pode ser realizado quando o uso de palavras conhecidas se tornarem compreendidas por elas, assim não se oculta o tema, portanto a criança pode assimilar melhor de acordo com seu nível de desenvolvimento.

A morte causa curiosidade na criança e exige do adulto uma explicação especial. Por essa e outras questões, o trabalho com a compreensão do conceito da morte tem um impacto profundo no desenvolvimento cognitivo, afetivo e na construção da sua personalidade, todavia o desafio não é só cognitivo, é também emocional, e, para que ela vivencie um luto sadio, sem que isso acarrete uma carga emocional desnecessária,

causando instabilidade psicológica, o auxílio para formar e para conservar a imagem do que foi perdido é uma obrigação dos que aqui estão.

Diante disso tudo, devemos nos lembrar que a morte será sempre algo doloroso e, em se tratando de crianças, ela pode ser ainda incompreensível. E por mais cuidados que se tenham e por mais bonitas que sejam as palavras usadas, jamais expressarão a sua dor. Então, a inserção da literatura infantil nesse contexto pode funcionar como um apoio, adentrando no que diz respeito à imaginação da criança, acessando sua fantasia de forma positiva, de maneira que não seja distorcida da realidade. Para Santos (2009)

A literatura pode servir como “remédio para a alma”, ou seja, atuar como elemento desencadeador do processo catártico e terapêutico, fazendo com que através dos contos infantis, a criança se reconheça na história e vivencie, por meio do personagem, os problemas e as soluções apresentados no livro. Isso ajuda a criança a se distanciar um pouco da própria dor e a expressar os seus sentimentos, ajudando-o a enfrentar com mais tranquilidade as situações adversas (SANTOS, 2009, p.59).

Portanto, a literatura infantil tem grande importância e potencial no trato com obras específicas para os pequenos, tanto pelo viés verbal, como pelo o visual. Por isso, a necessidade de uma busca incessante por métodos e por reflexões de qualidade para promover o diálogo com as crianças. Nesse sentido, entendemos salutar que histórias tristes para que elas possam compartilhar sua dor, suas dificuldades, e possam se identificar com os personagens. A literatura infantil, então, assume o discurso para um novo sujeito em formação.

## 1.2 O Sofrer e o morrer na literatura infantil

Consideramos a literatura infantil um dos produtos culturais que mais repercute no universo das crianças e dos adolescentes, tendo em vista atualmente diversos autores que se preocupam com a literatura infantojuvenil e dedicam suas obras a esse gênero literário. Serra (1998) confirma que

[...] o autor apropria-se do imaginário através de uma linguagem de elaboração literária incontestável, de conteúdo imaginativo no tratar de questões pertinentes ao universo da infância ou da adolescência. São textos que respeitam a infância e a adolescência como fases de transformação, onde esses seres possam se sentir aptos a modificar uma realidade dada e a atingir uma nova realidade conquistada (SERRA, 1998, p. 52).

Nas palavras de Coelho (2000, p.46), “como objeto que provoca emoções, dá prazer ou diverte e, acima de tudo, modifica a consciência de mundo e de seu leitor, a literatura infantil é arte”. É considerando também que a literatura infantil não é apenas um texto literário, quando se pensa em infância levamos em consideração a construção da sua personalidade, logo esse tipo de literatura contempla seu principal leitor, a criança. Serra reafirma que (1998, p. 89), ao mesmo tempo, que serve aos interesses de mercado, o livro, quando é resultado de criação artística, ou trata de informação científica de maneira criteriosa, sem estereótipos ou sem preconceitos, transforma-se em importante instrumento de formação intelectual e afetiva de nossas crianças, na direção de uma educação libertadora.

As publicações de temas polêmicos na literatura infantil, assim como os temas considerados tabus em nossa sociedade, são, na maioria das vezes, tratadas de forma simbólica e metafórica. No entanto a literatura pode se mostrar como um instrumento humanizador por meio de suas obras ficcionais, pois estabelece cumplicidade com seu público, exercendo a reflexão sobre as experiências humanas de acordo como os temas são apresentados. A morte entra como um dos temas a serem analisados pela importância que ela exerce sobre o universo infantil. Kovács enuncia que:

[...] podemos observar que as perdas e sua elaboração fazem parte do cotidiano, já que são vividas em todos os momentos do desenvolvimento humano. São as perdas por morte, as separações amorosas, bem como, as perdas consideradas como "pe-quenas mortes", como, por exemplo, as fases do desenvolvimento, da in-fância para a adolescência, vida adulta e velhice. São também vividas como "pequenas mortes" mudanças de casa, de emprego. O matrimônio e o nascimento do filho também são "mortes simbólicas", onde uma pessoa perde algo "conhecido", como o papel de solteiro e o de filho, e vive angústia, medo, solidão e, neste ponto, trazem alguma analogia com a morte. Carregam em si elementos de sofrimento, dor, tristeza e uma certa desestruturação egóica [sic]. Um tempo de elaboração se faz necessário. (2002, p. 163)

De fato, é inegável a função estética e a importância da literatura infantil no recurso com a temática morte, consequentemente revela-se como um instrumento de abordagem para ajudar no método de episódios traumáticos. De acordo com o enredo, a criança pode identificar-se com personagem e, assim, obter respostas, cessando suas inquietações sobre o assunto. O trabalho feito com esses textos incita reflexões e pode ajudar na abordagem para tratar de assuntos tidos como tabu. Problemáticas, tais como a morte, deveriam fazer parte do ambiente no qual a criança está inserida, seja por intermédio dos meios de comunicação, seja em casa, como parte da prática educativa, de modo que deveria estar



presente no seu dia a dia. Nesse sentido, Paiva (2011, p. 24): afirma “[c]reio ser importante repensar a morte na formação do indivíduo. Refletindo sobre o fato de que a morte faz parte da vida, é necessário preparar o ser humano para a morte desde sua infância”.

No entanto, o que podemos visualizar na sociedade é que a morte não é exposta de maneira explícita, apesar das crianças serem curiosas de forma natural, por conseguinte, para educar, também vamos nos deparar com assuntos difíceis de se tratar. Quesado (2001) acredita que

[...] ao falarmos dela, podemos fortalecer relações com os outros, valorizando mais a própria vida e aceitar o que esta nos reserva, e da qual não podemos fugir. [...] Os livros infantis que abordam estes temas dolorosos e complexos são sempre ferramentas úteis para superar momentos críticos da vida, como a morte [...] São temas, à primeira vista, de “gente crescida”, mas que passaram a fazer parte da realidade e do cotidiano de todas as crianças. [...] Poderá contribuir para uma nova percepção de como as crianças encaram a morte, a partir da literatura de potencial recepção infantil e, deste modo, ajudando-a a distanciar-se da sua própria dor, a expressar os seus sentimentos, dialogando, questionando, facilitando, assim, uma maior abertura para aquilo que a aflige (QUESADO, 2011, p.5).

Com o propósito de inovar, os livros trazem uma importante contribuição para o crescimento cognitivo das crianças, consentem novas emoções e sensações. Essas obras acatam que a criança compreenda a morte e o ato de morrer. Assim sendo, cumprem objetivos específicos e fazem do luto uma maneira de ultrapassar a fase melancólica, embora a saudade permaneça na memória. Chalita (2002, p. 10) pontua que “sem o passaporte mágico dessas narrativas, é difícil conceber viagens, aventuras, temores, medos e receios imaginários fundamentais ao nosso desenvolvimento intelectual e emocional”. Acima de tudo, é importante que, ao trabalhar essas histórias, elas procurem ajudá-las em suas inquietações e em seus questionamentos.

Em suma, os livros trazem a familiaridade com o encontro de novas descobertas. Vários são os exemplares contemplando essa temática, alguns merecem destaque. Por exemplo, os livros *O dia em que o passarinho não cantou* (2003), de Luciana Mazon e Valéria Tinoco, retrata a perda do animal de estimação; em Ziraldo, temos *Menina Nina: Duas razões para não chorar* (2002), que conta a história de Nina, uma menininha, que teve a difícil missão de compreender a morte de sua avó Vivi; e, não menos importante, Lygia Bojunga, que fala de morte em boa parte de suas obras, como *Corda bamba* (1999) trabalhando com a morte; *O meu amigo pintor* (1986), homicídio; *Retratos de Carolina*

(2002), aborto; ou de situações marcadas pela violência, que culminam com a morte, como é o caso do estupro em *O abraço* (1996).

Mediante o exposto, vimos que as crianças são amparadas pela literatura como uma linguagem que possui um importante poder de comunicação em circunstâncias de emoções intensas como a morte, tem o propósito de organizar os sentimentos com sutileza, contribuindo para que possam enfrentar com sabedoria a realidade que a cerca. Abramovich (1995) enfatiza

É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelas personagens de cada história (cada uma a seu modo)... É a cada vez ir se identificando com outra personagem (cada qual no momento que corresponde àquele que está sendo vivido pela criança)... e, assim, esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a resolução delas. (ABRAMOVICH, 1995, p. 17)

Por fim, temos a literatura infantil como uma fonte o saber, que possibilita reflexões de natureza reflexiva e afetiva. Encontra-se, também, essa preocupação de cunho psicológico na definição de Bruno Bettelheim (2002, p.12), que entende por literatura infantil aquela que objetiva “desenvolver a mente e a personalidade da criança” e não só divertir e informar; como a que se deve ter significado para a criança, isto é, transmitir as experiências da vida. Permite que mesmo no imaginário as crianças possam ligar a realidade ao que a cerca.

## **2 LITERATURA INFANTIL CONTEMPORÂNEA: a apresentação da morte e temas sensíveis para as crianças**

Para entender a literatura infantil contemporânea, foi preciso contextualizá-la, já como fizemos no capítulo anterior, quando vimos que suas origens estão atreladas ao conceito de infância e suas mudanças históricas, culturais e sociais no decorrer de séculos. Assim, essa é uma literatura recente, que surge no final do século XX a partir de novas transformações na sociedade pós moderna.

Datado em 1970, o período pós-lobatiano é considerado um marco para muitos estudiosos, no que diz respeito a literatura como um alcance bastante promissor, trazendo uma nova visão.

[...] nesse momento, surge na literatura para crianças e jovens um número grande de escritores, com uma consciência nova de papel social: reclamam a condição de artistas e desejam que as obras sejam compreendidas enquanto objeto estético, abandonando, assim, o papel de moralistas ou “pedagogos” que até então fora reservado a quem escrevesse para a área infanto-juvenil” (EDMIR PERROTTI, 1986, apud, SOUZA, 2006, p. 91)

Na mesma época, vários escritores se tornam conhecidos ou voltam ao cenário literário iniciando novas atividades como

Carlos de Marigny, Domingos Pellegrini, Eliane Ganem, Elias José Rufino dos Santos, João Carlos Marinho, Fernanda Lopes de Almeida, Odete de Barros Mott, Eliardo França, Walmir Ayala, Bartolomeu Campos Queiróz, Ruth Rocha e Lygia Bojunga são alguns dos nomes que participam ativamente desse momento e apresentam textos de organicidade. (SOUZA, 2006, p. 91).

Marina Colassanti e Ana Maria Machado são exemplos de autoras que fugiram de forma diferenciada dos conceitos moralizantes que eram concebidas as histórias. Para Machado (2004),

a experiência da história, assim como a apreciação estética do quadro, é singular e inquestionável; depende do momento da história pessoal de cada expectador e é sempre uma conversa entre dois reinos de imagens: o reino de imagens presentes na obra de arte e o reino de imagens que constitui a experiência de mundo de quem entra em contato com essa obra. (MACHADO, 2004, p. 42)

Nesse rumo, novos objetos de pesquisa foram explorados, inclusive com o retorno de assuntos já trabalhados como os da tradição popular, a paródia, outros tantos temas como o regionalista, as injustiças sociais, o preconceito racial, o humor, dentre outros.

Nesse sentido, nos anos 90, Fanny Abramovich (1995) já alertava para conteúdos sensíveis ao apresentar, no seu capítulo “Se inteirando de verdades”, algumas obras que traziam para as crianças narrativas de tramas difíceis, mas presentes, no seu cotidiano. Entre essas obras, a autora no tópico “Relações Familiares”, *Era uma vez duas avós*, de Naumin Aizen; *Macaquinho*, de Ronaldo Simões Coelho; *A mãe da menina e a menina da mãe*, de Flávio de Souza; *As muitas mães de Ariel*, de Mirna Pinsky; *O jogo de pensamento de Vivina* de Assis Viana e *Mamãe é a mulher do pai*, de Wener Zotz. Tópico sobre Separação com *Sexta-feira de noite*, de Mário Prata; *O dia de ver meu pai*, de Viviana de Assis Viana e *O menino maluquinho* de Ziraldo. Tópico sobre crescimento pessoal traz *O coração de Corali*, de Eliane Ganem; *Faca sem ponta, galinha sem pé* de Ruth Rocha e *O menino maluquinho*, de Ziraldo; Tópico sobre morte com Lygia Bojunga Nunes com *Na corda bamba* e *Meu amigo pintor*; *Eu vi minha mãe nascer* de Luís Fernando Emediato; *Os rios morrem de sede*, de Wander Pirolli e *Apenas um curumim*, de Werner Zots. Todas esses títulos fazem parte do cotidiano da criança quando se trata dos problemas que elas estão enfrentando ou pelo qual estão interessadas, a literatura então passa a ter um importante papel nessa conjuntura como diz Abramovich (1995)

Querer saber mais sobre aflições, tristezas, dificuldades, conflitos, dúvidas descobertas, sofrências, descobertas que outros enfrentam, para poder compreender melhor as suas próprias, faz parte das interrogações de qualquer ser humano em crescimento[...] Querer se enfrontar mais nas questões do poder, no jogo das manipulações políticas. Nas discussões sobre o mundo circundante, faz parte da curiosidade de qualquer um [...] (ABRAMOVICH, 1995, p 98).

Em *Heróis contra a parede* (2010), Vera Teixeira Aguiar, João Luís Ceccantini e Alice Áurea Penteado Martha abordam no livro temas como morte, suicídio, violência, homossexualidade, preconceito racial e inclusão. Assuntos que permeiam o universo infantil e muitas vezes são ignorados pelo fato de não estarem ligados aos contos de fadas. Porém esses temas estão presentes na literatura infantil contemporânea direcionada ao universo infantil. Estão presentes no livro obras como, *Retratos de Carolina*, *Nós três*, *O abraço* e *Sapato de salto* de Lygia Bojunga; *O jogo da Amarelinha* de Graziela Bozano; *Doze reis e a menina no labirinto de vento* de Marina Colasanti; *Minha irmã é diferente*, de Betty Ren Wrigth; *Diferentes somos todos*, de Alina Perlman; *Olhos azuis coração vermelho*, de Jane Tutikian; *Minha família é colorida*, de Georgina Martins; *Menina bonita do laço de fita*, de Ana Maria Machado, *O cabelo de Lelê*, de Valéria Belém; *Por que não*

*consigo gostar dela?*, de Anna Claudia Ramos; *À procura do encontro, Pode não ser mesmo se parecer* e *É Francisco ou João*, de Cristine Baptista.

Em *A Diferença na Literatura infantil: narrativas e leituras* (2012), Rosa Hessel em conjunto com colaboradores, trata de temas relacionados à deficiência, aos assuntos étnico-raciais, questões indígenas, velhice e identidade. Quando se aborda a deficiência, a autora destaca livro *O menino e a faca*, de Michael Foreman; *O livro negro das cores*, de Menena Cottin. O livro também faz uma crítica a retórica quanto aos títulos dos livros, que buscam evidenciar a temática: *Olhos de ver, Rodrigo enxerga tudo; Dorina viu; Nós, os cegos, enxerguemos de longe; Vendo sem enxergar...* (tematizam cegos) e *Rodas, para que te quero; Rodas gigantes; Meus pés são a cadeira de rodas* (tematizam cadeirantes). Étnico-racial temos, *O menino Nito*, de Sônia Rosa e Velhice com *Vovô foi viajar*, de Maurício Vereza.

No recorte da trajetória brasileira, os escritores contemporâneos viram na literatura infantil uma maneira de inovar e ousar para conquistar, cada vez mais, os novos leitores. Por isso, também reconhecemos na atualidade a transmissão de experiências do passado com o desenvolvimento de novas maneiras de se fazer literatura, como temos observado nos contos denominados de clássicos, que foram e estão sendo reescritos de modo a refletir a realidade modernista consoante aos problemas e situações atuais do leitor mirim. A Literatura infantil atual, com suas novas histórias, revitaliza as histórias antigas, traz à tona discussões atemporais sobre temáticas tidas como tabu. De uma forma inovadora, propaga a produção de um material totalmente diferente, sem se deixar cair no convencional, trabalhando o dialogismo e a intertextualidade.

Hoje a literatura infantil brasileira conta com mais de cem anos e, apesar de sofrer modificações conforme os séculos, resiste ao longo da história, e é considerado pelas crianças objeto de predileção.

Segundo Gastal (2003, p. 186), “as culturas tradicionais são energizadas pelo passado, que se sobrepõe ao presente, e este tempo, em seu eterno retorno, tem sido visto como cíclico”. E acrescenta: “[...] que o passado seja recontextualizado, glamourizado e, muitas vezes, sirva de canal não para mostrar uma anterioridade, real ou fictícia, mas para analisar questões contemporâneas”. (GASTAL, 2003, p. 189).

Assim, a literatura infantil ocupa um grande e importante espaço de produção, sendo caracterizada como uma literatura de qualidade e admirada tanto por crianças como por adultos. Isso se reflete no mercado editorial, que impulsiona novas formas de

apresentar a literatura infantil, dando notoriedade a verdadeiras obras de arte, bem como se observa nas pesquisas acadêmicas que passam a abordar temas sensíveis e polêmicos na literatura para crianças. Por último, a notoriedade alcança políticas públicas de leitura que selecionam obras dessa natureza, como o Programa Nacional da Biblioteca na Escola (PNBE), e mais recentemente o Programa Nacional de Livro Didático Literário (PNDL), em 2018.

## 2.1 O mercado editorial, os títulos E autores que tematizam a morte

Alguns autores se dedicam a escrever para as crianças sobre a morte, entre eles encontramos brasileiros como Bartolomeu Campos de Queirós, autor do livro *Até passarinho passa* (2005); Ernani Ssó, autor do livro *Contos de morte morrida* (2007), e Maurício Veneza, autor do livro *Vovô foi viajar* (1999); Escritores estrangeiros também apresentam obras sobre o finito, como Yuyi Morales, autora do livro *Só um minutinho* (2006); Anna Gobel, autora do livro *Se um dia eu for embora* (2008), e Lee Tae-jun, autora do livro *Esperando mamãe* (2010). Muitos apresentam uma maneira muito sutil de tratar o fim da vida, sem infantilizar a criança. Por isso, Góes (1984) ensina:

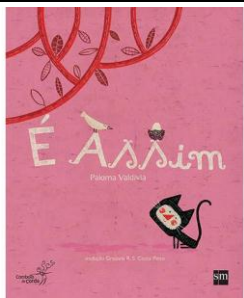
[...] levar em conta o desenvolvimento psicológico, intelectual e espiritual do jovem leitor. Não infantilizar, não trancar a criança em seu próprio mundo. Ao contrário, os valores, os assuntos, a linguagem, os interesses e a apresentação dos livros devem corresponder ao desenvolvimento da criança. Os livros contendo esses requisitos estarão contribuindo para a construção da personalidade infantil. (GÓES, 1984, p.23).

Partindo para a pesquisa e investigação de títulos lançados nas últimas décadas no mercado editorial, vamos destacar obras nacionais e estrangeiras que abordam o tema morte e o luto em diferentes perspectivas. A pesquisa bibliográfica e documental foi realizada a partir da consulta feita mediante mecanismo de busca como sites de livrarias, editoras e o *google books*. Para tanto, vamos elaborar um estudo pautado em hipóteses geradoras de discussão sobre como se deve trabalhar no gênero infantil.

Todavia, alguns autores utilizam a proteção excessiva e fazem das suas obras verdadeiros registros poéticos por meio de suas obras de ficção, para introduzir assuntos considerados difíceis, não as deixando como conteúdo didático ou moralizante. As obras abaixo apresentam em sua maioria trabalhos relacionados ao autoconhecimento, sentimentos e emoções. A abordagem feita nesses livros foi assentada de formas variadas, há livros que falam sobre ciclo da vida, morte dos avós, pais, alguns de forma fantástica, ritos fúnebres e outros que tratam com humor a finitude. Sendo assim, realizamos uma


pesquisa bibliográfica com títulos e seus respectivos autores e ilustradores que corroboram para o enlace de reflexões.

### Quadro 1 - *É Assim* (2012)

	<p>Autora e ilustradora Chilena Paloma Valdivia.</p> <p>Sinopse: De onde viemos e para aonde vamos? Esse é o grande mistério de existir. Se desconhecemos o ponto de partida e de chegada, se nascer e morrer são apenas instantes, o que importa é desfrutar o presente e a companhia dos outros; saboreá-los o máximo possível, com leveza e alegria. Partindo da ideia de que as coisas têm dois lados, de que nem tudo é totalmente bom ou mau e movida pelas perguntas difíceis sobre a vida.</p>
---	--

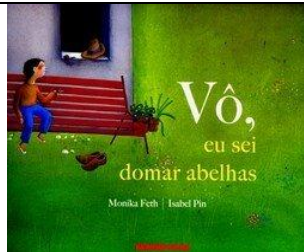
Fonte: <https://www.travessa.com.br/e-assisim/artigo/ff94867f-90a2-4eef-b14a-2560f1de5779>

### Quadro 2 – *Começo meio e fim* (2014)

	<p>Autor Frei Betto e Ilustradora Vanessa Prezoto ambos brasileiros.</p> <p>Sinopse: Começo, meio e fim é o relato envolvente da descoberta da morte por uma menina tão meiga e doce que costuma associar todos os membros de sua família às guloseimas que gosta de devorar. É a descoberta de que a vida também tem seu lado amargo, quando perdemos aqueles que amamos sem entender muito bem a própria razão da existência da morte. Aprendizado suavizado pela amorosa lição de vida dada por seu avô. Falar da morte para crianças é um desafio que pouquíssimos escritores ousaram enfrentar. É preciso o talento, a sensibilidade e, sobretudo, a fé inquebrantável no ser humano de um Frei Betto para vencer um desafio desse porte.</p>
--	--


Fonte: <https://www.livrariacultura.com.br/p/livros/infantil/acima-de-7-anos/literatura-infantil/comeco-meio-e-fim-42274998>

### Quadro 3 – *Vô, eu sei domar abelhas* (2008)

	<p>Autora Monika Feth e Ilustrador Dieter Heidemann ambos alemães.</p> <p>Sinopse: Como toda criança, Diego tem uma relação pra lá de especial com seu avô. Mas, de repente, o avô dele morre e por mais explicações que todos tentem lhe dar, Diego não entende o que aconteceu. Ele não consegue compreender que seu avô se foi “para sempre”, nem que “está no céu com Deus”. Então, passa a procurá-lo por toda a parte até descobrir que, na verdade, onde quer que esteja, para sempre seu avô estará junto a ele.</p>
---	--


Fonte: <https://www.travessa.com.br/vo-eu-sei-domar-abelhas/artigo/1e710629-d4e7-405b-9f79-db9f50c6145c>

**Quadro 4 - No oco da avelã (2013)**

	<p>Autora francesa Muriel Mingau e Ilustradora espanhola Carmen Segovia.</p> <p>Sinopse: Quando a Morte se aproxima para levar a mãe de Paul, o menino consegue agarrá-la e aprisioná-la em uma avelã! Logo a mãe se cura. Os dias novamente transcorreriam tranquilos e felizes, acreditava ele. Mas eis que o açougueiro não consegue mais abater seus novinhos e os pescadores não fischem mais um peixe sequer. Nem mesmo os ovos se deixam quebrar! A Morte foi abolida. Sem ela, como a vida seguirá seu curso?</p>
---	---

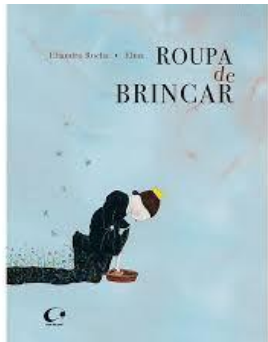
Fonte: <https://www.travessa.com.br/no-oco-da-avela/artigo/48cb4c5e-2091-4f87-bb6c-87f08114afcd>

**Quadro 5 - O coração e a garrafa (2012)**

	<p>Autor e ilustrador Irlandês Oliver Jeffers.</p> <p>Sinopse: Conta a história de uma curiosa garotinha que encontra na figura de um homem mais velho (possivelmente seu avô) a fonte inesgotável para novas e velhas descobertas. O mundo é cheio de informação e ela é apaixonada por tudo isso! Mas o mar e as estrelas deixam de ser tão interessantes quando sua inspiração não está mais lá. A cadeira vazia deixou o mundo vazio. E a dor da perda deixa uma garrafa cheia. Cheia de um coração assustado com o tamanho de uma dor que parece sem fim. Guardar o coração é uma boa opção? Inicialmente parece, ao menos a menininha cresce se sentindo poupada da dor da perda. Mas o mundo perde o vigor, a curiosidade, e as ausências nesta vida começam a pesar naquela garrafa. Mas, será que depois de tanto tempo é possível colocar o coração no lugar? Basta querer?</p>
--	---

Fonte: <http://oespanador.com.br/2012/12/22/o-coracao-e-a-garrafa/>

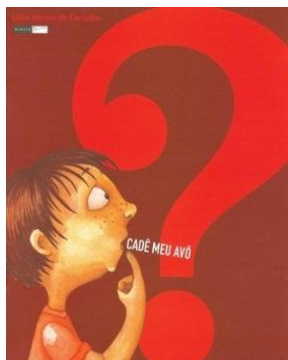
**Quadro 6 – Roupas de Brincar (2015)**

	<p>Autor Eliandro Rocha e Ilustradora Elma Fonseca, ambos brasileiros.</p> <p>Sinopse: Para a menina, a pessoa mais divertida do mundo era a tia, e o melhor lugar para ficar era o guarda-roupa dela, onde passava horas brincando com as roupas diferentes que encontrava. Um dia, ao chegar à casa da tia, percebe tudo mudado: a tia está triste, suas roupas não têm nenhuma graça e seu guarda-roupa está quase vazio. Como fazer para a alegria voltar e com ela as roupas de brincar?</p>
---	---

Fonte: <https://editorapulodogato.lojaintegrada.com.br/roupa-de-brincar>




**Quadro 7 – *Cadê meu avô* (2004)**

	<p>Autora Lídia Izcson de Carvalho e Ilustradora Barbára Wrogl Steinberg ambas brasileiras.</p> <p>Sinopse: Traz uma história que fala da morte, da perda do avô querido. A autora trata do tema com muita sensibilidade, sem apelar para explicações que mistificam a realidade. Renato vive um momento difícil em sua vida – a perda do avô muito querido que lhe contava lindas “histórias da boca”. Não sabe onde está o avô e vai pedir ajuda do Papai Noel para encontra-lo.</p>
---	--

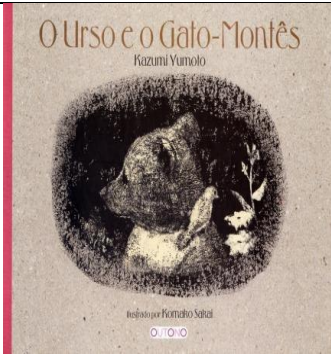
Fonte: <https://www.ciadoslivros.com.br/produto/cade-meu-avo-454877>

**Quadro 8 – *O anjo da guarda do vovô* (2003)**

	<p>Autora e ilustradora alemã Jutta Bauer.</p> <p>Sinopse: Este livro conta a história de um avô que, no leito de hospital, recorda para seu netinho os principais momentos de sua vida - episódios da infância, da guerra, de necessidade e conforto. Porém, por meio dos desenhos, o leitor fica sabendo que em todas as situações o avô teve a companhia invisível de um dedicado anjo da guarda.</p>
--	--

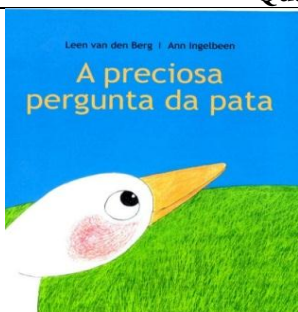
Fonte: [https://books.google.com.br/books/about/O\\_anjo\\_da\\_guarda\\_do\\_vov%C3%B4.html?id=\\_Jo-PgAACAAJ&source=kp\\_book\\_description&redir\\_esc=y](https://books.google.com.br/books/about/O_anjo_da_guarda_do_vov%C3%B4.html?id=_Jo-PgAACAAJ&source=kp_book_description&redir_esc=y)

**Quadro 9 – *O Urso e o Gato-Montês* (2012)**

	<p>Autor Kazumi Yumoto e Ilustrador Komako Sakai ambas japonesas.</p> <p>Sinopse: Sabe passarinho - o urso disse, você não acha curioso que todas as manhãs sejam esta manhã? Foi assim ontem e anteontem. E amanhã teremos outra manhã e novamente depois de amanhã... E todas elas certamente serão esta manhã. Estaremos sempre nesta manhã. Sempre, sempre juntos, não é? Mas o nesta manhã do novo dia está completamente diferente, pois o urso não tem mais a companhia de seu grande amigo passarinho. Desolado, o urso tem de aprender a conviver com a ausência, driblando a falta que seu companheiro faz. Mas o urso é novamente surpreendido pelo destino. O gato-montês aparece em sua vida e lhe mostra novos caminhos, novas possibilidades, outras alegrias.</p>
---	---

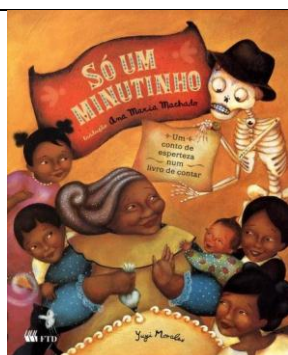
Fonte: <https://www.amazon.com.br/Urso-Gato-Mont%C3%AAs-Kazumi-Yumoto/dp/8574123188>

### Quadro 10 – *A preciosa pergunta da pata* (2009)

	<p>Autora Leen van den Berg e Ilustradora Ann Ingelbeen, ambas belgas.</p> <p>Sinopse: Para onde vamos quando morremos? Esta é a pergunta da pata. Uma pergunta importante, pois há pouco tempo ela perdeu seu patinho e ainda se sente muito triste. Todos aqueles que ela encontra têm uma resposta própria para a pergunta que não sai de sua cabeça.</p>
---	--


Fonte: <https://www.travessa.com.br/a-preciosa-pergunta-da-pata/artigo/ee30da10-1abf-435a-b39c-dfe56cbb0268>

### Quadro 11 – *Só um minutinho* (2006)

	<p>Autora e ilustradora Mexicana Yuyi Morales.</p> <p>Sinopse: Uma vovó bem ativa recebe a visita do Senhor Esqueleto, na verdade, a morte, que vem buscá-la. Mas ela é muito esperta e vai adiando o momento da partida, arrumando coisas para sua festa de aniversário e pedindo-lhe para esperar um minutinho.</p>
--	---

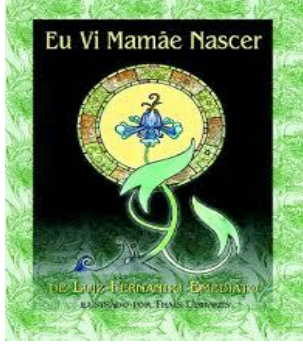
Fonte: <https://ftd.com.br/detalhes/?id=3178>

### Quadro 12 – *Eu me lembro* (1993)

	<p>Autora Canadense Jennifer Moore-Mallinos e Ilustradora Espanhola Marta Fàbrega.</p> <p>Sinopse: Nós nascemos, vivemos e morremos. O mesmo acontece com nossos animais de estimação. 'Eu me lembro' analisa o amor e os prazeres de se ter um animalzinho e também mostra o impacto que a sua perda representa para a família e, em particular, para as crianças. Em geral, a morte de um animal de estimação é a primeira experiência que a criança tem com o pesar. Quando as crianças têm sentimentos de tristeza muito fortes, experimentam emoções que não compreendem bem. 'Eu me lembro' anima as crianças que estão sofrendo uma perda a darem o primeiro passo para superá-la, oferecendo-lhes a oportunidade de compreender seus sentimentos de perda e de tristeza.</p>
---	--

Fonte: [https://books.google.com.br/books/about/Eu\\_Me\\_Lembro.html?id=jVtWPgAACAAJ&source=kp\\_book\\_description&redir\\_esc=y](https://books.google.com.br/books/about/Eu_Me_Lembro.html?id=jVtWPgAACAAJ&source=kp_book_description&redir_esc=y)

**Quadro 13 – *Eu Vi Mamãe Nascer* (2014)**

	<p>Autor Luiz Fernando Emediato e Ilustradora Thais Linhares ambos brasileiros.</p> <p>Sinopse: Falar da morte para crianças sempre foi um desafio e até um tabu. Nesta história ao mesmo tempo realista e suave, triste e poética, contada pela voz de uma criança que acaba de perder a mãe, o autor aborda o seu difícil tema com uma sensibilidade carinhosa de pai e a técnica inteligente do escritor humanista, preocupado com o social e o humano. O livro é não só bonito, como apropriado e compreensível mesmo para crianças pequenas.</p>
---	---

Fonte: <https://www.travessa.com.br/eu-vi-mamae-nascer-9-ed-2009/artigo/035e7382-4ae8-4239-9370-c3aea365ecdf>

Destacamos, entre as obras pesquisadas, que a primeira experiência de morte das crianças está ligada a pessoas queridas como os pais, os avós e animais de estimação. Ressaltamos também que 3 (três) delas se relacionam com a partida dos avós, e 1 (uma) está relacionada com a do animal de estimação, aparecem de forma natural e metaforicamente. Portanto, colocamos esses títulos como o contato mais próximo da morte que as crianças podem ter, pois está associada com a finitude da vida.

Com a exposição desses títulos, com seus respectivos autores e ilustradores percebemos que a literatura infantil quebra paradigmas e, com o passar dos tempos aumenta a sua riqueza no trato com a finitude e outros receios. Com isso, compreendemos que o Mercado Editorial tem influências sobre a conexão da criança com várias práticas, muitas vezes comparando a sua própria veracidade. Examinando esse histórico entre literatura feita para a infância, verificamos que o mercado editorial dirige a atenção crescente sobre essas obras que discutem temas restritos, o mercado está cada vez mais aberto para a inserção de critérios e conceitos relacionado ao tema. Vemos de forma positiva a concentração de obras destinadas à temática e não apenas para consumo rápido, pois o mercado está preocupado com o público consumidor independentemente da faixa etária e que tragam conteúdos visando o diálogo e não vendagem.

## 2.2 A morte literatura infantil em trabalhos acadêmicos e similares

Muito se tem estudado sobre a morte, o tema não é de forma alguma uma polêmica atual. Ela é estudada por filósofos, historiadores, sociólogos, biólogos, antropólogos e psicólogos que debatem o assunto ao longo da história. Sabemos que a morte não faz parte de uma classe específica, de alguma maneira, é uma questão que atravessa a história, e nos faz refletir, sobretudo, acerca da questão humana.

Acreditamos que seja importante falar sobre tais pesquisas, visto que investigam um importante tema que está associado aos dias atuais, principalmente quando se fala para as crianças e que se debruçam em seus trabalhos com fatos intrínsecos à condição humana.

Assim, ao efetuamos o levantamento no catálogo do portal da *Capes* em teses e dissertações, a partir da palavra-chave “morte na literatura infantil”, encontramos muitas pesquisas de diversas áreas. Todavia, ao fazer o refinamento para os campos da Educação e Letras, verificamos a existência de poucos trabalhos, os quais relacionamos a seguir:

- OLIVEIRA, MARCIA LISBOA COSTA DE. *Três representações da morte na literatura infantil ou a morte, porta da vida.* 01/05/1995 83 f. Mestrado em LETRAS (CIÊNCIAS DA LITERATURA) Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO Biblioteca Depositária: undefined
- SILVA, CICERO MARCOS SANTOS DA. *O medo e a morte na literatura infantil e na obra inédita de federico garcia lorca* 21/03/2016 100 f. Mestrado em Estudos Literários Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, Uberlândia Biblioteca Depositária: SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA.
- PAIVA, LUCELIA ELIZABETH. *A arte de falar da morte: a literatura infantil como recurso para abordar a morte com crianças e educadores* 01/04/2008 439 f. Doutorado em PSICOLOGIA ESCOLAR E DO DESENVOLVIMENTO HUMANO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: IP Trabalho anterior à Plataforma Sucupira.
- LOTTERMANN, CLARICE. *Escrever para armazenar o tempo: morte e arte na obra de Lygia Bojunga* 01/04/2006 228 f. Doutorado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, CURITIBA Biblioteca Depositária: Biblioteca do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes Trabalho anterior à Plataforma Sucupira
- SCHUBERT, FERNANDA MAGALHÃES BOLDRIN. *Lygia Bojunga: a recepção de corda bamba por crianças e adolescentes* 01/12/2007 107 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ, MARINGÁ Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA CENTRAL DA UE Trabalho anterior à Plataforma Sucupira.

Em 2019, no PPGL, houve a defesa de dissertação da aluna Jaine Barbosa (2019), sob o título: *A morte e o morrer em contos de Perrault, irmãos Grimm e Andersen*. O trabalho foi baseado na análise da representação da morte nas obras dos referidos autores, em diferentes épocas. Sua pesquisa constatou que a morte tem diferentes modos de compreensão e representação não só no universo literário, mas também na humanidade. E embora seja um assunto controverso faz parte de muitas histórias de diferentes maneiras.

Constatamos que o objetivo das pesquisas é evidenciar e focalizar a representação da morte na literatura infantil contemporânea. Ainda observamos que as análises buscam questões ligadas à importância da temática considerada um tabu na contemporaneidade. De maneira geral, as obras analisadas têm em sua estrutura a morte evidenciada como da família, pais e animais de estimação. As pesquisas visam as contribuições que nem sempre recebem a importância que merecem.

Para complementar a pesquisa acadêmica, buscamos, em outros suportes e formatos, publicações sobre o tema. Nessa busca encontramos informações na Editora Pulo do Gato e no blog *A cigarra e a formiga*, as quais foram selecionadas por darem ênfase ao tema morte nas obras de literatura infantil.

**A Editora Pulo do Gato** é famosa por trazer publicações com temas considerados difíceis, mas ela tem a preocupação na formação do leitor, não só de textos, imagens, mas na própria questão estética literária e também de caráter. A Editora da Pulo do Gato, Márcia Leite, propõe que as crianças tenham livros que as permitam dialogar sobre tais assuntos que as deixam tristes. O catálogo da editora impressiona pela forma que trazem a tona e abordam as temáticas. No seu catálogo estão os livros como *Harvey, como me tornei invisível*, (2013) de Herve Bouchard ; *Íris: uma despedida*, (2013) de Gudrun Mebs e *Roupa de brincar*, (2015) de Elma Fonseca.

**A cigarra e a formiga** é um blog de literatura infantil da jornalista Daisy, que é apaixonada pela literatura infantil e que compartilha com seus leitores as suas experiências como mãe. Um dos assuntos abordados pela Daisy é a morte, ela elenca títulos que considerou importante para falar com seu filho após a perda do avô. Tais como os títulos *A Árvore das Lembranças*, (2014) de Britta Teckentrup; *Para onde vamos quando desaparecemos?*, (2013) de Isabel Minhos Martins e *A grande questão* (2003), de Wolf Erlbruch.

Enfim, como vimos até aqui, é possível compreender que existem muitos trabalhos envolvendo a temática da morte e isso favorece o surgimento de perguntas,

consequentemente, a mais trabalhos relacionados ao paradigma temático devido à complexidade quando determinados assuntos são excluídos da infância. Por isso, estendemos nosso trabalho para um programa que se preocupa em distribuir obras de literatura infantil nas escolas brasileiras e, que, portanto, também selecionou títulos com a temática, trata-se do Programa Nacional do Livro Didático Literário (PNLD) e, como já mencionamos, nosso recorte será a edição de 2018, apenas obras destinadas aos anos iniciais.

### 2.3 PNLD Literário (2018)

Ao chegarmos ao nosso último ponto de referência sobre nosso tema de pesquisa, chegamos também à determinação da origem do nosso *corpus*, as obras do PNLD Literário. Segundo o edital com base no art. 208, VII, da Constituição Federal de 1988, na Lei nº 9.394/1996 e no Decreto nº 9.099/2017 o programa organizado pelo Ministério da Educação (MEC) em conjunto com o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), o PNLD distribui livros para a Educação Infantil (creche e pré-escola), Fundamental 1 (1º ao 5º ano) e Ensino Médio (1º ao 3º ano), das escolas públicas federais e as que integram as redes de ensino federal, estaduais, municipais e do Distrito Federal e aos estudantes da Educação Infantil (creche e pré-escola), das escolas da educação básica pública, das redes federal, estaduais, municipais e do Distrito Federal e das instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos e conveniadas com o poder público. Ressaltamos que este programa substitui o PNBE, um programa encerrado em 2015.

A distribuição de obras pelo PNLD é feita de forma alternada. São atendidos em ciclos diferentes os quatro segmentos: educação infantil, anos iniciais do ensino fundamental, anos finais do ensino fundamental e ensino médio. Cada um dos seguimentos é contemplado pelo PNDL de três em três anos, sendo que nos anos em que não fazem parte do escopo as escolas ainda recebem livros, a título de complementação, correspondentes a novas matrículas registradas ou à reposição de livros avariados ou não devolvidos.

Em conformidade com o definido pelo Decreto nº 9.099/2017, O PNLD 2018 Literário tem como objetivos:

I Avaliar obras literárias para uso em sala de aula pelos estudantes da educação infantil, dos anos iniciais do ensino fundamental (1º ao 5º ano) e ensino médio até o final dos seus respectivos ciclos de atendimento especificados neste edital.

II Apoiar a formação dos acervos das escolas públicas, ampliando as oportunidades de uso individual dos estudantes de literatura de qualidade durante o ano letivo;

III Contribuir com o desenvolvimento de competências e habilidades dos estudantes, em conformidade com a Base Nacional Curricular Comum-BNCC.

IV O PNLD 2018 Literário tem caráter transitório, possibilitando o processo de inscrição e avaliação de obras literárias para estudantes da educação infantil, dos anos iniciais do ensino fundamental e do ensino médio no ano vigente.

V Novos processos de inscrição e avaliação de obras literárias para educação infantil, para anos iniciais do ensino fundamental e para o ensino médio poderão ser previstas nos próximos editais do PNLD, de forma a atender as respectivas etapas de ensino com obras literárias e obras didáticas, conjuntamente.

As obras são avaliadas também a partir de sua qualidade verbal e visual com os seguintes critérios<sup>1</sup>: a exploração de recursos expressivos da linguagem; a consistência das possibilidades estruturais do gênero literário proposto; a adequação da linguagem aos (às) estudantes; o desenvolvimento do tema em consonância com o gênero literário em questão. A parte visual foi avaliada a partir de critérios que consideraram a interação entre texto verbal e texto visual, a exploração de recursos visuais para a ampliação da experiência estética e literária do (a) leitor (a), a estimulação do imaginário a partir do texto visual, além da isenção, do mesmo modo que no texto verbal, de apologia, de maneira crítica, de ideias preconceituosas ou de comportamentos excludentes e de violência.

Os temas das obras literárias deverão ser adequados à faixa etária dos estudantes e estar em conformidade com a Base Nacional Comum Curricular como descritos abaixo:

Temas da Categoria 1 (Creche I): descoberta de si; a casa e a família; o mundo natural e social; outros temas.

Temas da Categoria 2 (Creche II): descoberta de si; família, amigos e escola; o mundo natural e social; diversão e aventura; outros temas.

Temas da Categoria 3 (Pré-Escola): descoberta de si; família, amigos e escola; o mundo natural e social; diversão e aventura; outros temas.

Temas da Categoria 4 (1º ao 3º ano do Ensino Fundamental): descoberta de si; família, amigos e escola; o mundo natural e social; diversão e aventura; outros temas.

---

<sup>1</sup> Os critérios foram retirados da Ficha de Avaliação que consta no Guia Online do PNLD LITERÁRIO 2018. [http://pnld.nees.com.br/pnld\\_2018\\_literario/inicio](http://pnld.nees.com.br/pnld_2018_literario/inicio)



Temas da Categoria 5 (4º e 5º anos do Ensino Fundamental): autoconhecimento, sentimentos e emoções; família, amigos e escola; o mundo natural e social; encontros com a diferença; diversão e aventura e outros temas.

Temas da Categoria 6 (1º ao 3º ano do Ensino Médio): projetos de vida; inquietações das juventudes; o jovem no mundo do trabalho; a vulnerabilidade dos jovens; cultura digital no cotidiano do jovem; bullying e respeito à diferença; protagonismo juvenil; cidadania; diálogos com a sociologia e a antropologia; ficção, mistério e fantasia e outros temas.

As obras literárias poderão ter outros temas além dos sugeridos nesse edital<sup>2</sup>, desde que sejam nomeados, definidos e justificados pela editora para fins de avaliação. As obras literárias poderão ser inscritas nos seguintes gêneros literários: poema; conto, crônica, novela, teatro, texto da tradição popular, romance, memória, diário, biografia, relatos de experiências, obras clássicas da literatura universal, livros de imagens e livros de histórias em quadrinhos e livro-brinquedo.

Pelo exposto até aqui, foi possível constatar que o programa, além do cuidado em avaliar e selecionar obras de qualidade estética e literária, também trouxe a orientação por faixa etária e temas. É nesse contexto que investigamos obras selecionadas com destaque para o tema da morte nos anos iniciais do quarto e do quinto ano. Todavia, podemos perceber que o programa envolve muitos outros temas e gêneros, abrangendo uma diversidade de obras literárias para os leitores mirins.

O PNLD Literário faz-se importante como um programa literário que promove a prática da leitura literária na escola, em que por meio desses livros os alunos têm a oportunidade de ampliar seu repertório cultural. Assim, apresentamos no próximo capítulo a metodologia e a análise dos dados a partir da seleção de títulos expostos pelo PNLD Literário 2018, que tematizaram a morte.

---

<sup>2</sup> Os temas estão prescritos no Edital PNLD LITERÁRIO 2018. Acesso pelo <http://portal.mec.gov.br>



### 3 O SENSÍVEL E O VISÍVEL DA MORTE NAS OBRAS SELECIONADAS PELO PNLD LITERÁRIO (2018)

Esta pesquisa buscou analisar como o tema morte é abordado nos livros infantis selecionados no PNLD Literário 2018. O primeiro passo dessa pesquisa foi buscar a lista da PNLD Literário 2018, que tem como objetivo prover obras e outros materiais de apoio para as escolas de ensino público das redes federais, estaduais e municipais, abrangendo a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e, Ensino Médio.

Foi realizada uma pesquisa de busca no site do FNDE<sup>3</sup>, logo acessamos o programa do livro, PNLD e, por fim, o Guia do Livro Didático que nos direcionou a outro fragmento, onde encontramos a página do Ensino Fundamental na qual tivemos acesso as obras, a partir do tema “Autoconhecimento, sentimentos e emoções”, porque, entre os demais, era o que mais se aproximava do nosso objeto de estudo. Além do tema, determinamos a busca a partir da seguinte categoria: Ensino Fundamental 4º e 5º anos, o que nos levou a 73 (setenta e três) títulos.

Entre esses, foram pesquisados os resumos (sinopses) das obras e chegamos a 7 (sete) obras. Em todas elas, existe a temática da morte de modo mais ou menos acentuado, com várias abordagens, em diferentes contextos e acontecendo com personagens diferenciadas. Justificamos a escolha da análise de 4 (quatro) obras, por estarem nos critérios que julgamos pertinentes, por conterem discursões mais enfáticas e próximas da veracidade sobre a morte e sua representação na literatura infantil brasileira contemporânea. Destacamos que essas obras recriam a realidade de muitos de seus leitores, pelo potencial do amadurecimento e por tratarem de questões como perda de conhecidos, familiares, partilha de memórias de avô e neto e animal de estimação.

Quadro 14 – Livros pesquisados com a temática da morte recolhidos no PNLD literário 2018

<b>Títulos</b>	<b>Autor (a)</b>	<b>Editora</b>
<i>A moça artista do topo do morro</i>	HELENA LIMA	EDITORA LAGO DE HISTORIAS LTDA - 1 / 2017
<i>Espanto feliz</i>	CLOVIS LEVI DA SILVA	EDITORA VIAJANTE DO TEMPO LTDA. - 1 / 2015
<i>O herói imóvel</i>	ROSA AMANDA STRAUZ	FLORESCER LIVRARIA E EDITORA LTDA ME - 1 / 2018
<i>O menino que amava</i>	ADRIANO MESSIAS DE	SOWILO EDITORA E

<sup>3</sup> <https://www.fnde.gov.br>

<i>passupreto</i>	OLIVEIRA	DISTRIBUIDORA DE LIVROS LTDA - 1 / 2017
<i>O piano de calda</i>	CLOVIS LEVI DA SILVA	EDITORA VIAJANTE DO TEMPO LTDA. - 1 / 2015
<i>Ou isto ou aquilo</i>	CECÍLIA MEIRELES	GLOBAL EDITORA E DISTRIBUIDORA DE LIVROS LTDA - 7 / 2012
<i>Votupira, o vento doido da esquina</i>	FABRÍCIO CARPINEJAR	EDICOES SM LTDA. - 2 / 2018

Fonte: Elaboração própria (2019)

### 3.1 A morte: representações para a leitura infantil

Durante o percurso do nosso trabalho pudemos perceber que a morte foi tratada de diversas maneiras ao longo dos séculos, porém sempre presente e de forma recorrente na contemporaneidade. Identificamos nas obras fenômenos como consciência e linguagem; o lidar emocionalmente com o envelhecimento; caráter lúdico; representações simbólicas; relações sociais e afetivas, entre outros assuntos. Para cumprir o objetivo de explorar a literatura sobre o tema da morte, recorreremos a teóricos que pareceram pertinentes para construir a fundamentação deste estudo, como: Kovács (2002;2003); Ariès (2014); Elias (2001); Torres (1999); Santana (2017); além de Aberastury (1984) que discute a percepção das crianças enlutadas; Cademartori (1986) fala sobre infância e literatura infantil e Díaz (1996) que afirma o quanto é importante falar abertamente sobre morte nos dias de hoje de forma direta. Assim, daremos continuidade na busca por novas discursões das análises dos livros.

#### 3.1.1 A moça artista do topo do morro

**Figura 1** - Capa da edição de 2017 do livro *A moça artista do topo do morro*



Fonte: LIMA (2017)

*A moça artista do topo do morro* (2017), de Helena Lima, trata de infância e violência. A obra conta a história de Amanda uma menina que vive em meio à violência nas favelas do Rio de Janeiro, que do alto do morro tem várias paisagens como o Cristo Redentor, o Pão de Açúcar, a Baía de Guanabara, a Ponte Rio-Niterói, inclusive o cemitério São João Batista, onde ela descreve como “lugar de pequenas torres de cruz na ponta” (LIMA, 2017, p.5). A partir daí, aparecem suas inquietudes ligadas às mortes por balas perdidas no morro, que ainda são desconhecidas por ela. O livro é dirigido para o público infantil, reflete a realidade de muitas crianças que vivem em torno da violência e convivem com a realidade da morte tão de perto. Para Kovács (2003), o risco dessa superexposição à morte e à violência pode levar, principalmente jovens, à ideia de que a morte é evento banal, cotidiano, comum, impessoal, a não ser que entre as vítimas se encontre alguém conhecido. Helena Lima inicia sua narrativa com Amanda fazendo perguntas e questionamentos para os pais, que trazem inúmeras justificativas para explicar os acontecimentos ocorridos no morro. Para a mãe, ela faz uma pergunta aparentemente simples “Mãe, por que a gente morre?” (LIMA, 2017, p.7), a mãe responde: “Ah, Amanda...todo mundo morre um dia. Basta chegar a hora” (LIMA, 2017, p.7). A menina, não satisfeita, volta a questionar: “Mas, mãe, a gente vive um tempo e depois morre pra sempre?” (LIMA, 2017, p.7), a mãe fica surpresa com a pergunta da menina e responde que quando se morre depois ressuscita e nasce de novo. Amanda, não satisfeita novamente, questiona: “Sério? Nascer de novo? E por que o vovô João não nasceu de novo ainda?” (LIMA, 2017, p. 7). A mãe fica desconcertada e utiliza o eufemismo para com a indagação e tenta se esquivar das perguntas da menina utilizando a metáfora de que o avô foi para o céu para minimizar o impacto da notícia. Para Barbosa e Oliveira (2018, p. 6), “essa ideia de falar sobre a morte através de metáforas ou eufemismos é bastante comum em nossa sociedade”. O que tem se visto recentemente é a exclusão da morte perante o universo infantil, como bem diz Elias (2001, p. 25) “relutância dos adultos diante da familiarização das crianças com os fatos da morte”.

As metáforas também são usadas quando ocorrem conflitos no morro, as denominadas “trovoadas sem chuva, cheia de fumaça” (LIMA, 2017, p.8), fazendo referência aos tiros, e quando tudo se acalmava e voltava ao normal muitos vão morar no São João Batista. Para Barbosa e Oliveira (2018, p. 6),

“[a] infinidade de substituições é imensa e mesmo não se tratando de uma obra brasileira, percebe-se que a morte também é vista de forma

semelhante, principalmente porque, na cultura ocidental, há muitas representações acerca do tema que nos aproximam” (Barbosa e Oliveira, 2018, p. 6).

A concepção de infância fora reconhecida e recentemente no mundo ocidental é perceptível que morte ainda é um desafio quando se trata de crianças.

No decorrer da narrativa, o pai de Amanda é o próximo a receber a enxurrada de perguntas, agora sobre o chefe do morro. Amanda Indagou ao Pai: “Papai, disseram que o Dente de ouro virou estrelinha. É verdade?” (LIMA, 2017, p. 11). o pai também se complica na resposta e, embaraçado e na tentativa de ocultar a verdade, responde que ele fora cremado. A menina se assusta, pois não sabe o que quer dizer ser cremado, e ele pede para que ela esqueça, pois quando ela crescer vai entender. Porém Amanda não se contenta com meias verdades, pois “sente uma terrível confusão e um desolado sentimento de desesperança, criado porque já não tem a quem recorrer” (ABERASTURY, 1984, p. 129). Geralmente, quando as crianças fazem perguntas sobre a temática, o que recebem do adulto são respostas que causam mais confusão, daí instaura-se o conflito entre o que é absorvido pela criança e o que é falado pelo adulto. Percebe-se, que os pais de Amanda ainda não estão preparados para enfrentar a morte.

A menina é povoada por indagações e questões de uma criança, as quais muitas vezes menosprezadas pelos adultos. Para Kovács (2003, p.48), o adulto tenta evitar falar temendo a reação da criança, e ao não falar, ele acha que está protegendo-a da dor, mudando a realidade magicamente. O que acontece é que criança fica confusa e desamparada. Para obter respostas as suas perguntas, ela se dirige ao alto do pico onde morava a moça artista do topo do morro, “Dona Dulce, uma senhora curvadinha, de riso frouxo e voz açucarada” (LIMA, 2017, p. 15). Trata-se da última instância de obter respostas de seus questionamentos. Dona Dulce, por sua vez, não esconde da menina a realidade da vida, quando questionada responde de forma que a pequena consiga compreender a finitude. Esclarece que pode parecer assustador, mas é um ciclo da vida e que não deve ser temida. Como afirma, Torres (1999), quando fala do conceito de irreversibilidade de que o corpo não pode viver depois da morte e que o que vai não volta mais.

Dona Dulce aborda a morte de maneira realista e propõe uma forma de refletir sobre a finitude, sua reflexão passa a inserção da arte quando não sabe alguma resposta.

“Eu pinto, Amanda. Sempre que isso acontece, pego meus pincéis e uma tela. Aí pinto tudo o que me atravessar o pensamento. Quando termino,

me sinto melhor. Mesmo ainda não sabendo a resposta.” (LIMA, 2017, p. 23)

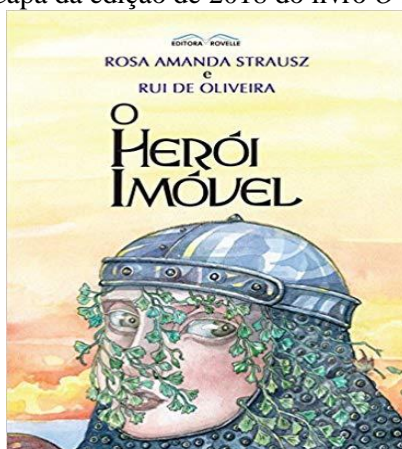
Podemos refletir então sobre a arte como um facilitador no processo de luto e compreensão para certas perguntas não têm resposta. Compreendemos que a atmosfera social em que os personagens estão inseridos é no cenário da modernidade, e onde as justificativas expressam o mundo moderno. A ludicidade nessa obra é usada para facilitar uma aproximação com a temática. Segundo Lopes, “a arte, com suas sutilezas, permite uma elaboração subjetiva de temas difíceis, suavizando a sua abordagem. A hipótese que é levantada é a de que certos livros, graças à sua estética e seu valor literário, falam do indizível sem usar de metáforas confusas” (2013, p. 11).

Amanda cresce nesse universo de pincéis, tintas e tela. Consegue, através da arte, construir seus pensamentos, porém nem sempre com respostas para suas perguntas. Assim, depois de Dona Dulce, ela se tornou a moça artista do topo do morro.

Helena Lima traz uma abordagem sobre a morte na contemporaneidade, e quebra estereótipos do ponto de vista visual relacionados à estética das casas coloridas da favela, as ilustrações que são em sombra. Durante a leitura texto percebemos que a complexidade do tema morte não é compartilhada com a menina, é evidente a dificuldade dos adultos em falar sobre a morte de forma clara, que é tratada de forma implícita pelos pais. A autora com sutileza relaciona o entendimento que as crianças podem fazer através da arte e que assim também podem ter um entendimento acerca da morte.

### 3.1.2 *O Herói Imóvel*

Figura 2 – Capa da edição de 2018 do livro *O Herói Imóvel*



Fonte: STRAUZ (2011)

É sabido que a vida é feita guerras diárias. Muitas vezes enfrentamos duelos conosco mesmos, contra adversários internos. A doença é um dos oponentes que nos enfraquecem. O livro de Rosa Amanda Strausz, *O herói imóvel* (2018), encontra-se no menino narrador que vive diante da iminente morte do pai, que para ele é um herói só que um herói que vive lutas parado, porém luta contra forças internas, “onde heroicos anticorpos defendiam sua vida contra adversários ferozes” (STRAUSZ, 2018, p. 10). A morte no livro é tratada de maneira poética utilizando o simbolismo como ponte para representar o pai como um herói com armadura. Para Cademartori (1986, p. 73), “Através da história, a dimensão simbólica da linguagem é experimentada, assim com a sua conjugação com o imaginário e o real”.

O menino inicia o texto falando da sua admiração pelo pai. “Era uma vez um herói e esse herói era meu pai. Ele possuía uma força imensa. Conseguia lutar sozinho contra mil inimigos.” (STRAUSZ, 2018, p. 8). Em outro trecho ele revela a luta do pai contra uma doença, que o levará a morte. Sobre a finitude, Santana (2017, p. 68) afirma que “No Ocidente, é comum pensarmos a morte como um evento que chega e interrompe nosso projeto de vida”. Santana (2017) ainda reforça que “reconhecemos como inevitável, guardamos igualmente desejo de que seja breve e sem sofrimento prolongados”. Nesse cenário constatamos que o menino está acometido pela dor de perder o seu pai-herói a qualquer momento, e vivencia o luto antecipado.

O menino recorda o esforço do pai, “Tinha dias que o simples ato de andar do quarto até a sala já o deixava ofegante” (STRAUSZ, 2018, p. 14). Alguns trechos marcam nossa leitura no duelo entre vida e morte. Ele faz de tudo para ficar perto do pai por mais tempo e relata que muitas das atividades que os outros pais tinham eram fora de casa, como jogar futebol, pescar e viajar. Dentro de casa, com o pai, o menino recebia conhecimento, lia livros, mexia com ferramentas, assistia filmes, falava da vida e contava histórias. E foi lá também que o pai disse que: “um dia, seria vencido e levado pela morte” (STRAUSZ, 2018, p. 21). Nesse diálogo percebemos o desafio do menino ao tentar lidar com a situação de grande impacto.

O pai reconhece a própria finitude e diz que todos quando morremos viramos pó, “O mesmo pó que compõe as estrelas e tudo o que há no mundo. São os átomos”. (STRAUSZ, 2018, p. 22). A reflexão feita por ele mostra a fragilidade da vida com processos tão naturais e quão é sensível a condição humana. Simbolicamente, o pai explica o ato de morrer.

Átomos não morrem, se separam e se juntam a outros, formando outras coisas, outras pessoas. Quando morremos, nosso corpo se desfaz e se mistura aos outros elementos da vida: ao mar, ao vento, à terra. Quem morre se integra à natureza.

Deixa de estar no castelo para estar na raiz de uma árvore. Deixa de estar no campo de batalha para estar num trigal. Deixa de estar na poltrona para estar num diamante. (STRAUSZ, 2018, p. 22)

Logo, percebemos que o pai reflete sobre sua morte simbólica, e deixa-se levar pela angústia de não poder interromper ou controlar a finitude. O próprio título conduz a narrativa do herói que vive na utopia do seu fim.

De forma poética, ele traz a imagem de um herói, nunca como um fracassado, mas como um herói que deixa seu legado, mas mostra também a impotência do homem e o quão frágil à vida é. Segundo Díaz (1996, p. 10), “o tema da morte exige em nossos dias um tratamento diferente, mais direto, mais poético, mais psicológico, mais comum e contemporâneo”. O pai tem uma visão romantizada da própria morte, segundo Ariès (2014), com ênfase literária e artística.

Diante da partida do pai, ele ressalta, de forma metafórica, de pais e filhos no processo de morte: “Antes de se transformar em pó para retornar à natureza, a maioria dos seres vivos deixa filhos no mundo” (STRAUSZ, 2018, p. 27). Nesse momento, ele busca conforto no processo de perda, embora ainda não esteja preparado para tal, já que a morte está ligada a metáforas que fazem parte do imaginário. Percebemos o quanto difícil é nomear a morte, assim como afirma Kovács (2003), quando a criança percebe que alguém morreu, ela confronta-se com sua própria finitude, percebendo que isso pode ocorrer a si mesma. A morte: “[...] reproduz a história da humanidade, os temores frente à morte e finitude”. (KOVÁCS, 2003, p. 46).

O menino atravessa com o pai o doloroso momento da morte. Projeta no simbolismo os momentos finais da vida tecendo seu próprio fim. No desfecho final da narrativa ele se compara ao pai como um herói fala do seu desejo de continuar vivendo.

Sei que, um dia, também vou me deparar com um inimigo terrível. Ele pode ter a forma de um adversário com sua espada ou de um vírus invisível. Esse inimigo pode me derrotar.

Mas ele não conseguirá fazer com que eu desapareça da face da Terra porque meus filhos terão meus olhos, meu jeito de rir, meu pé torto, a lembrança de tudo o que dividi com eles.

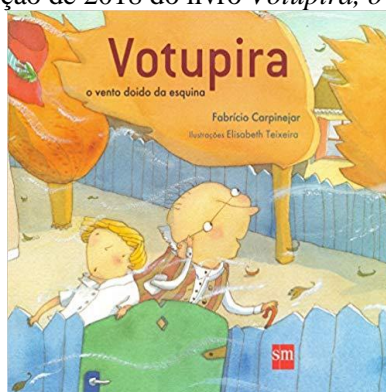
E eles levarão uma parte de mim para a eternidade. (STRAUSZ, 2018, p. 28)

O livro traz situações que muitos jovens enfrentam, conflitos como a ausência do pai, devido à morte. Discutindo uma das concepções de morte apresentada por Ariès

(2014), a finitude do outro permite que a criança seja capaz de medir suas ações permitindo pensar nelas. Na relação literatura e morte, a autora busca uma inserção no discurso contemporâneo de fazê-lo compreensível na difícil tarefa de construir significado no cenário onde o assunto é a própria morte. No contexto contemporâneo, o homem reconhece o momento da morte e cada um de forma individualizada enfrenta o processo do morrer. Para Kovács (2002), “o homem é um ser mortal, cuja principal característica é a consciência de sua finitude [...]”.

### 3.1.3 *Votupira, o vento doido da esquina*

Figura 3 - Capa da edição de 2018 do livro *Votupira, o vento doido da esquina*



Fonte: CARPINEJAR (2018)

*Votupira, o vento doido da esquina* (2018), de Fabrício Carpinejar, é um livro autobiográfico. Traz as lembranças de Fabrício, um menino de 7 anos, que passa férias com o avô de 70 anos em Guaporé, enquanto seus pais tentam se reconciliar após várias brigas. No decorrer da narrativa, o escritor apresenta memórias de experiências vividas com seu avô, e compartilha relatos de histórias de forma sensível e poética.

Fabrício era muito ligado ao avô, eles eram muito amigos e faziam tudo juntos, como brincar e conversar. O avô é lembrado como um homem de muita coragem: “Já o vi matando mosca com a mão, pegando rato pelo rabo, esmagando barata, espantando cachorro nervoso” (CARPINEJAR, 2018, p. 6). Para Oliveira (1999, p. 21), "Com os avós, o ritmo é outro. As lembranças, banhadas pela experiência devida e pelo afeto, recompõem a arte de contar, uma prosa que não conhece cronômetro. [...]".

Durante a visita de Fabrício, o avô conta a história de *Votupira*, uma criatura terrível e amedrontadora que aterroriza as esquinas: “Pode ser teimoso como tempestade, rápido como onça, traiçoeiro como cobra” (CARPINEJAR, 2018, p. 8), mas não era fantasma. Como uma criança, *Votupira* brinca de esconde-esconde, assusta crianças, mas



também cria o eco, faz bolhas de sabão, acaricia o rosto dos ciclistas e, como o amor, está por toda parte.

De uma maneira criativa e envolvente, o avô utiliza o Votupira como um material simbólico para o preenchimento do vazio deixado pela falta de atenção dos pais para com o neto. A interação entre os dois preenche o vazio que o menino sente pelo distanciamento dos pais. A relação entre avô e neto mostra-nos personagens que, com sua singularidade, nos permitem introduzir ainda a noção de que somos seres que envelhecem, e a velhice nos permite, antes de tudo, o autoconhecimento, e, posteriormente, a maturidade e as experiências vividas como aliadas preciosas transmitidas oralmente.

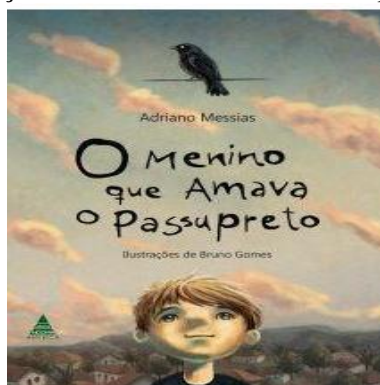
Observa-se que o estudo da velhice está prontamente ligado ao da morte, indicando o curso natural da vida. O envelhecimento, que termina com a morte, faz parte da condição humana e a velhice e a morte estão interligadas no imaginário, contudo, para Fabrício, existem outras saudades, e lembra de como é não ter a presença dos pais, posteriormente ele começa a chorar: “Chorei como nunca. Berrado. Com miado de gato e latido de cachorro. O Votupira estava dentro do meu choro. Soprando. Soprando tristezas. Quase derreti minhas sobranças”. (CARPINEJAR, 2018, p. 26).

O menino estava triste porque os pais não conseguiam brincar com ele, e o avô responde: “Um dia seus pais aprendem a ser vento” (CARPINEJAR, 2018, p. 26). Observamos que a presença do lúdico sempre esteve presente na vida compartilhada entre avô e neto, que ao finalizar a obra encoraja o neto amor mútuo. Os avós estão muito ligados aos netos, até pela partilha e companheirismo, pelo legado de ensinamentos e memórias e são uma referência cultural nas nossas sociedades.

No final da obra, Fabrício Carpinejar com seus 39 anos, expõe suas memórias com seu avô. Visita o avô no cemitério de Guaporé, coloca flores vermelhas e liga o rádio como ele gostava. Aqui, encontramos uma despedida. O Votupira neste instante não era mais uma invenção, era de verdade. Atualmente passa a acreditar no que não vê, assim como o amor pelo avô. Por mais que o avô tenha representado na sua infância, não foi possível evitar o fenômeno natural da vida, pois todos estamos destinados a envelhecer e consequentemente aproximar-se da morte.

### 3.1.4 *O menino que amava o passupreto*

Figura 4 – Capa da edição de 2017 do livro *O menino que amava o passupreto*



Fonte: MESSIAS (2017)

Quem pensa que animal de estimação é só gato e cachorro está enganado, pois seu animal de estimação foi um pássaro preto ou passupreto, como se diz em Minas. *O menino que amava o passupreto* (2017) traz as memórias de uma história sensível e delicada um garoto que amava o seu passupreto, que vivia engaiolado. Adriano Messias traz a visão da morte através dos olhos de uma criança que perde seu pássaro.

Segundo o menino, passupreto “era amável, doce e carinhoso” (MESSIAS, 2017, p.12). O passarinho fazia a alegria de um filho único e por muito tempo os dois foram amigos. Certo dia ficou muito preocupado, observou que lhe faltavam e os dedinhos dos pés, visto que era dedo sim, dedo não, achava que isso o causara vergonha, mas isso era porque ele já era velhinho e possuía uma doença que fazia com que os dedos caíssem.

Aos dez anos o menino mudou-se de casa, com isso perdera, segundo ele, a infância toda, pois era urbano. Foram-se os amigos e as brincadeiras, o menino se sentiu igual passupreto, engaiolado e sem a liberdade: “Parecia que eu era um passupreto como ele: imitava-o o tempo todo – meu único amigo mágico na casa feia ainda em construção, em rua sem calçamento” (MESSIAS, 2017, p.20).

O pássaro, dia após dia, foi perdendo os dedinhos, e o menino de perguntava: “até quando ele iria supor aquilo?” (MESSIAS, 2017, p.20). Um dia o passupreto não suportou e morreu. É dessa forma que o menino se depara com a morte pela primeira vez. A tristeza que sente ao saber que seu pássaro havia morrido é descrita por ele:

Chorei muito e me senti imensamente fundo dentro de uma gaiola. Ele estava imóvel, deu-me medo e pavor de tocar aquela morte. Ele deveria estar frio no frio da lata que lhe servia de piso. Lata feia como o piso cinza da casa de cimento. Da casa sem reboco por fora. Da casa de menino-passupreto, de menino-pobre, pois foi naquela casa que eu descobri que éramos pobres.

Eu fui, em prantos, para o quarto viver uma grande dorzona ao lado do braço, perto do lugar do abraço. Eu virei um soluço. (MESSIAS, 2017, p.25)

O pai subestima o menino e na tentativa de diminuir a sua dor, livra-se do pássaro o mais rápido possível. Para o menino, “aquela foi a forma que ele encontrou - duro e cinzento – de lidar com a morte do passupreto, pois também a sentiu. A minha foi viver meu luto.” (MESSIAS, 2017, p.26). É preciso lembrar também que a dor é algo individual e subjetiva. Santana (2017, p. 100) afirma que “[...]ainda não estamos suficientemente preparados para lidar com o luto de uma criança. Sua dor é minorizada, como se fosse menos intensa que a de um adulto, ou mesmo desconsiderada”. Entendemos que é importante que se respeite a dor da criança pela perda de um animal de estimação, e também não é bom privá-la da verdade, sendo necessário também que ela participe de todos os rituais. Kübler-Ross afirma que

Mais cedo ou mais tarde, a criança se aperceberá de que mudou a situação familiar e, dependendo de sua idade e personalidade, sentirá um pesar irreparável, retendo este incidente como uma experiência pavorosa, misteriosa, muito traumática, com adultos que não merecem sua confiança e com quem não terá mais condição de se entender. (2008, p. 13).

Ao final do texto o menino revela que nunca havia contado essa parte da sua vida para ninguém, uma infância de fantasia e mágica. E que por isso resolveu se tornar escritor, para assim conseguir se libertar das grades dos seus 12 anos a partir da solidão e dos livros.

A análise dos livros infantis mostrou como a literatura, a criança, o mercado editorial e os autores se adequam durante as épocas em que as obras são publicadas. A literatura infantil pose se apresentar como uma alternativa para os pequenos como uma forma de se descobrir e desenvolver perante as adversidades. Perante a finitude e outras polêmicas que cercam a literatura infantil, ela quebra os paradigmas que ela mesma produz.

Por fim, podemos concluir que este tema é abordado nas obras selecionadas. O papel da literatura infantil é dar um sentido à vida, e é quando eles dão um sentido à realidade. Assim, as histórias tem o poder de simplificar e desmistificar temas transversais, ajudando os pequenos leitores a encontrar essa compreensão, por intermédio da leitura.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura infantil e sua formação correspondem à variante do sentimento de infância, também com estabilidade social, cultural e histórica da visão dos adultos em relação às crianças. A infância passou a ser vista de forma diferente pela sociedade, tornando-se mais humanizada e voltada para a proteção. Ao longo de vários séculos, alguns pudores passaram a ser visíveis como em reedições de contos da oralidade, quando foram reescritos por autores como Perrault, irmãos Grimm e Andersen. As obras tratavam de ocultar cenas com violência e morte, antes retratadas com naturalidade e passaram a ser assuntos considerados polêmicos ou tidos como sensíveis.

O homem de séculos passados não tinha medo da morte, considerava-a um acerto de contas, um momento de reavaliar a vida. Na contemporaneidade, a morte é vista como um fracasso, algo impossível de mudar o curso. As polêmicas envolvendo finitude e outras censuras passaram a ser vistas com frequência nas obras literárias, porém trabalhadas de forma implícita ou mais sensivelmente procurando não deixar lacunas para outras interpretações geradoras de questionamentos.

Temos conhecimento de que a morte é um assunto desagradável e que está cada vez mais presente nos livros. O mercado editorial e alguns autores que trabalham com essa temática formam um importante aliado no tratamento de obras que trazem polêmicas e outros assuntos considerados obscuros. Nos dias atuais, o conteúdo das obras não é mais direcionado para a moralidade, porém contemplam pensamentos crítico-reflexivos. Em trabalhos correlacionados, temos os acadêmicos que buscam maior entendimento sobre o tema e descobertas futuras o que reverbera em mais diálogos.

Em nossa diligência, pudemos encontrar uma ruptura nos catálogos infantis nacionais, isso para que de tempos em tempos a literatura rompa paradigmas, com mais variedades de temas envolvendo o campo literário em relação à seleção de obras que mencionam morte. Com o repertório diversificado e caráter metafórico-simbólico ou sensível, a criança encontra a verossimilhança ao identificar-se com alguns temas por meio dos seus personagens.

A motivação para nossa pesquisa veio mediante os livros selecionados pelo PNLD literário 2018. Um importante programa do MEC responsável pela distribuição de obras nas escolas. As obras são organizadas por temas, gêneros e faixa etárias, além de serem de grande avalia para contemplar a leitura literária na escola. Encontramos nesse programa

uma maneira de avaliar nossa pesquisa de cunho interpretativo através das obras que tinham a morte em seu escopo por meio de diferentes personagens e contextos direcionados ao público infantil.

Nos propusemos a analisar *A moça artista do topo do morro* (2017), de Helena Lima, *O herói imóvel* (2018), de Amanda Strauz; *Votupira, o vento doido da esquina* (2018), de Fabricício Carpinejar e *O menino que amava o passupreto* (2017), de Adriano Messias. As obras foram escolhidas por sua representação no campo temático da pesquisa. Os títulos analisados neste trabalho abordam a temática morte com diferentes perspectivas, como a morte sendo o ciclo da vida, a morte do pai, morte do avô e morte de um animalzinho de estimação. Considerando este panorama, estas escrituras que possuem tratamento do tema em discursão de forma simbólico-metafórica sempre serão ambientadas para atenuar conflitos. Após o levantamento e análise das obras, pudemos perceber o quanto é possível trabalhar com as crianças, um tema tão discutido nos dias atuais. Observamos que o tema não deve ser temido, porém deve ser compreendido e discutido sem mediação da fantasia, pois ele não é só útil no universo adulto, mas também do universo infantil.

Em suma, por meio da análise dos livros, vimos o quão diversificado a poder ser dada a finitude, se verificamos que a sua ideia varia de acordo com a forma como ela é abordada e publicada. Percebemos que as obras tratadas como tabu podem deixar de ser vistas como tal a partir do momento que são trabalhadas de maneira lúdica, com métodos e reflexões. Por fim, devemos acreditar que a literatura moderna contemporânea possui um importante papel ao recriar o mundo das crianças, sem tratá-las como seres incapazes e com falsas concessões. É preciso respeitar esses pequenos leitores, valoriza-los e considera-los como capazes de formular suas próprias conclusões, fantasias ou sentimentos.

## REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A. **A percepção da morte na criança e outros escritos**. Porto Alegre: Artm, 1984.

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5ª ed. São Paulo: Scipione, 1995.

AGUIAR, Vera Teixeira de; CECCANTINI, João Luís; MARTHA, Alice Áurea Penteado (Org.). **Heróis contra a parede: estudos de literatura infantil e juvenil**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente**. Ed. Especial. Trad. Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2ª ed. Trad. Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

ARIÈS, Philippe. **O homem diante da morte**. 1ª. Ed. Trad. Luiza Ribeiro. São Paulo: Unesp, 2014.

BARBOSA, J; OLIVEIRA, V.V. **A morte na literatura infantil: Diferentes abordagens**. In: **VII Enlije**. Campina Grande: V. 1, 2018, ISSN 2317-0670.

BELLATO, R.; CARVALHO, E. C. **O jogo existencial e a ritualização da morte**. Rev. Latino-Am. Enfermagem, v. 13, n. 1, p.99-104, jan/fev. 2005.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 16ª ed. Trad. Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

Blog a cigarra e a formiga. Disponível em: <http://acigarraeaformiga.com/>. Acesso em 30 de junho de 2019.

BRENMAN, Ilan. **A condenação de Emília: o politicamente correto na literatura infantil**. 1ª ed. Belo Horizonte: Aletria, 2012.

CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. 4.ed. São Paulo.: Brasiliense, 1986. CAPES. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>. Acesso em 30 de junho de 2019.

CARPNEIJAR, Fabrício. **Votupira, o vento doido da esquina**. São Paulo: Ed. SM, 2011.

CHALITA, Gabriel. **Pedagogia do amor: a contribuição das histórias universais para a formação de valores da nova geração**. São Paulo: Gente, 2003.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**. São Paulo, Ática, 1987.

COELHO, Nielly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2000.

COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual**. São Paulo: Global, 2003.

DIAZ, Fanuel Hanán. **Variações sobre o tratamento dado ao tema morte na literatura infantil**. Revista latino-americana de Literatura Infantil e Juvenil. Bogotá. n. 4, jul-dez de 1996. P. 2- 11.

EDITORA PULO DO GATO. Disponível em: <http://www.editorapulodogato.com.br/>. Acesso em 30 de junho de 2019.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

FREUD, Sigmund. Projeto para uma psicologia científica. v. I. In.: **Edição Standard Brasileira das Obras de Simund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GAGNEBIN, J. M. **Infância e pensamento**. In: GHIRALDELLI JÚNIOR, P. (Org.). **Infância, escola e modernidade**. São Paulo: Cortez, 1997.

GASTAL, Susana. **Memória e pós-modernidade: da musealização ao passado como mercadoria**. In: Conexão – comunicação e cultura / Universidade de Caxias do Sul. – Vol. 1, n. 1. – Caxias do Sul, RS: Educs, 2002.

GÓES, Lúcia Pimentel. **Introdução à literatura Infantil e Juvenil**. São Paulo: Pioneira, 1984.

KOVÁCS, M. J. **A arte de morrer: Visões plurais**. São Paulo: Comenius, 2001.

KOVÁCS, M. J. **Educação para a morte: desafio na formação de profissionais de saúde e educação**. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

KOVÁCS, M. J. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

KRAMER, S. **A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce**. Rio de Janeiro: Anchiomé, 2003.

KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer: o que os doentes terminais tem para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios pacientes**. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

LIMA, Helena. **A moça artista do topo do morro**. Rio de Janeiro: Ed. Lago de Histórias, 2017.

LOPES, Thaís de Carvalho Rodrigues . **Era uma vez o fim: representações da morte na literatura infantil** (Monografia em Comunicação Social). Universidade Federal do Rio de

Janeiro 2013. Disponível em <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/534/3/TCRLopes.pdf>  
Acesso em 7 de Agosto de 2019.

MACHADO, Regina. **A arte da palavra e da escuta**. São Paulo: ed. Reviravolta, 2004.

MACHADO, Regina. **Acordais: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias**. São Paulo: DCL, 2004.

MARANHÃO, J. L. de S. **O que é morte?**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

MESSIAS, Adriano. **O menino que amava o passupreto**. 1º ed. São Paulo: Sowilo 2017.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. **Vidas Compartilhadas: cultura e coeducação de gerações na vida cotidiana**. São Paulo: Hucitec/FAPESP, 1999.

PAIVA, Lucélia Elizabeth. **A arte de falar da morte para crianças**. São Paulo: Ideias e Letras, 2011.

Poles K, Bousso RS. Compartilhando o processo de morte com a família: a experiência da enfermeira na UTI pediátrica. Rev Latino-am Enfermagem [periódico na Internet]. 2006 Abr [citado 2008 Jan 08];14(2): 207-213. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-)

POSTMAN, N. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Grafia, 1999.

QUESADO, S. **O Outro lado do espelho: A Morte nos Contos de Literatura Infanto-Juvenil**. In Investigar, Inovar e Desenvolver – Desafios das Ciências da Educação: atas do XI Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, Guarda, 30 Jun.– 2 Jul. 2011.

RODRIGUES, J. C. **Tabu da morte**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

SANTANA, Regina de Oliveira. **“... e eles viveram felizes até seu fim”: narrativas sobre a morte na literatura infantil brasileira**. 1ª ed. Curitiba: Appris, 2017.

SANTOS, T. C. S. **Literatura na Hospitalização Infantil: “Um Remédio Para Alma”**. Monografia de Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Federal da Bahia. Orientação: Profa. Alessandra Barros, 2009. Disponível em <http://www.cerelepe.faced.ufba.br/arquivos/fotos/164/thialalivroinfantil.pdf>. Acesso em 03 de junho de 2019.

SAVATER, F. **As Perguntas da Vida**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SERRA, Elizabeth D’Angelo (org.). **30 anos de literatura para crianças e jovens: algumas leituras**. Campinas SP: Mercado de letras/Associação de Leitura do Brasil, 1998.

SILVEIRA, Rosa Hessel et al. **A diferença na literatura infantil: narrativas e leitura**. São Paulo: Moderna, 2012.



SOUZA, Gloria Pimentel Correia Botelho de. **A literatura infanto-juvenil brasileira vai muito bem, obrigada!.** São Paulo: DLC, 2006.

STRAUSZ, Rosa Amanda. **O herói imóvel.** Rio de Janeiro: Rovel, 2011.

TORRES, W.C. **A criança diante da morte: desafios.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola.** 11<sup>a</sup> ed. São Paulo: Global Editora, 2003.

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.